

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO



**COMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE:  
ANÁLISE ECOCRÍTICA DA ECOPOESIA E DO  
JORNALISMO AMBIENTAL NO BRASIL**

**JÚLIA DE MARINS COSTA**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**COMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE:  
ANÁLISE ECOCRÍTICA DA ECOPOESIA E DO  
JORNALISMO AMBIENTAL NO BRASIL**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**JÚLIA DE MARINS COSTA**

**Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Comunicação e Meio Ambiente: Análise ecocrítica da ecopoesia e do jornalismo ambiental no Brasil**, elaborada por Júlia de Marins Costa.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. William Dias Braga

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação – UFF

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

COSTA, Júlia de Marins.

Comunicação e Meio Ambiente: análise ecocrítica da ecopoesia e do jornalismo ambiental no Brasil. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro

COSTA, Júlia de Marins. **Comunicação e Meio Ambiente: análise ecocrítica da ecopoesia e do jornalismo ambiental no Brasil.** Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho faz uma análise ecocrítica de como a ecopoesia contemporânea e o jornalismo ambiental do Brasil retratam a relação entre homem e natureza. Para isso, foram estudadas obras de três poetas brasileiros que escrevem sobre temas ambientais: Astrid Cabral, Sérgio Medeiros e Josely Vianna Baptista; e reportagens ambientais das três primeiras edições de 2014 das três revistas sobre ciências de maior circulação no país: *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante*.

COSTA, Júlia de Marins. **Comunicação e Meio Ambiente: análise ecocrítica da ecopoesia e do jornalismo ambiental no Brasil.** Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

### **ABSTRACT**

This study makes an analysis based on the ecocriticism theory of how the contemporary ecopoetry and the environmental journalism depict the relationship between human beings and nature. Therefore, were studied publications of three Brazilian poets who write about environmental issues: Astrid Cabral, Sérgio Medeiros e Josely Vianna Baptista; and ecological articles of the first three editions of 2014 of the most popular scientific magazines in the country: *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante*.

## **Agradecimentos**

*À minha mãe, por ter sido sempre meu exemplo, meu ombro amigo e por acreditar em mim em todos os momentos,*

*Ao meu pai, pelo incentivo nos desafios dos estudos e da vida e pela alegria em compartilhar comigo cada vitória,*

*À minha irmã, Renata, pela cumplicidade e a parceira da vida inteira,*

*Às minhas avós pelo cuidado e pela torcida fraternal de sempre,*

*Aos meus tios, tias, primos e prima pelo apoio e pelo amor que me fortalecem,*

*Ao meu querido Felipe, por toda paciência, atenção e carinho que me fortalecem durante qualquer caminhada,*

*Aos amigos que estiveram comigo durante os quatro anos de graduação, em especial, àquelas que têm um lugar vip na minha vida por me tornarem uma pessoa mais corajosa e sonhadora a cada dia,*

*À professora Odile Cisneros, da Universidade de Alberta (Canadá), pela receptividade, os ensinamentos e a generosidade em meu primeiro contato com a ecocrítica,*

*À professora Ana Paula Goulart pela compreensão e pelas orientações fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.*

*Dedicado ao meu avô, seu Lico, que  
acompanhou de perto meu crescimento  
nesses quatro anos e ansiou comigo por  
esta conquista, mas teve que partir antes  
de me ver alcançá-la.*

*Ao amor, aos ensinamentos e à saudade  
que ficam para sempre.*



## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. O QUE É ECOCRÍTICA?**

2.1 Como a teoria é aplicada

2.2 A ecocrítica no Brasil

### **3. A ECOCRÍTICA NA POESIA BRASILEIRA: ECOPOÉTICA**

3.1 Astrid Cabral: as memórias da infância e o contato com a Floresta Amazônica

3.1.1 *Visgo da Terra (1986)*

3.1.2 *Jaula (2006)*

3.2 Sérgio Medeiros: cosmogonias indígenas e poesia *nonsense*

3.2.1 *Sexo Vegetal (2009)*

3.2.2 *Totens (2012)*

3.3 Josely Vianna Baptista: a relação entre o corpo humano e natureza

3.3.1 *Corpografia (1992)*

3.3.2 *Roça Barroca (2011)*

### **4. CONCEITO E HISTÓRIA DO JORNALISMO AMBIENTAL**

4.1 O que é jornalismo ambiental?

4.2 A trajetória do jornalismo ambiental

4.3 Eco-92: o meio ambiente no foco da mídia

### **5. ANÁLISE ECOCRÍTICA DE REPORTAGENS SOBRE MEIO AMBIENTE**

5.1 *Ciência Hoje*

5.1.1 Edição 311 (fev/2014): Promíscuas ou liberais? Vida sexual das plantas é diversificada e intensa

5.1.2 Edição 312 (mar/2014): Mais e mais: até onde a tecnologia deve intervir no esporte?

5.1.3 Edição 313 (abr/2014): Cheios de lixo: ambientes costeiros e marinhos sob ameaça

## 5.2 *Galileu*

5.2.1 Edição 271 (fev/2014): Não jogue fora. Conserte

5.2.2 Edição 272 (mar/2014): Aprenda do seu jeito

5.2.3 Edição 273 (abr/2014): Copie seu cérebro e viva para sempre

## 5.3 *Superinteressante*

5.3.1 Edição 329 (fev/2014): 1499: O Brasil antes de Cabral

5.3.2 Edição 330 (mar/2014): Os EUA e o golpe de 64

5.3.3 Edição 331 (abr/2014): Medo: como vencer o seu

## **6. CONCLUSÃO**

## **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## **1. Introdução**

No início da década de 1990, as questões ambientais ganharam destaque no jornalismo internacional e brasileiro. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92, movimentou o país e tornou frequente as até então raríssimas coberturas sobre pautas ambientais.

A partir de então, repórteres especializados em meio ambiente ganharam maior espaço no mercado e algumas publicações específicas sobre o tema surgiram. Nas redações tradicionais, as grandes tragédias e denúncias ambientais nunca mais foram ignoradas. Termos antes conhecidos apenas por especialistas na área ambiental passaram a integrar conversas cotidianas e a despertar maior preocupação das pessoas com o futuro do planeta.

Já na literatura, o meio ambiente é assunto recorrente desde o início do século XX. A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, incentivou escritores e artistas a exaltarem as belezas naturais e a cultura do Brasil. Como herança do Movimento Modernista, alguns poetas passaram a escrever em torno de assuntos como a cultura indígena e a unicidade da Floresta Amazônica, aspectos que marcam a identidade do país sob os olhos do mundo. São eles os chamados ecopoetas.

Em 1997, a pesquisadora norte-americana Cheryll Clotfelty publicou a primeira antologia sobre ecocrítica, termo que definiu como o estudo da relação entre homem e natureza na literatura. A teoria é uma resposta à necessidade identificada pela autora de aproximar as pesquisas acadêmicas sobre literatura do tema que já era incluído em praticamente todas as áreas de conhecimento da academia: o meio ambiente.

Essa teoria se divide em uma série de ramificações, que acompanham os diferentes gêneros e condições de produção literária. Especificamente na poesia, o conceito é chamado de ecopoética e os escritores cujas obras correspondem aos princípios da ecocrítica (ou seja, as ecopoesias) podem ser reconhecidos como ecopoetas. A ecopoesia procura explorar uma visão de ser humano como parte da natureza, irmão de animais e plantas, e conectado ao universo tanto quanto qualquer elemento natural.

No jornalismo ambiental, o ponto alto das reportagens costuma ser o alerta aos efeitos das ações humanas sobre a natureza ou as previsões alarmantes de grandes alterações no meio ambiente, causadas pelo velho conhecido aquecimento global. Para o público, no entanto, meio ambiente ainda é associado a paraísos naturais distantes, locais com realidade e funcionamento completamente diferentes dos nossos centros

urbanos. Como o jornalismo ambiental trabalha para mudar essa visão e aproximar o indivíduo da natureza?

Este trabalho pretende fazer uma análise ecocrítica de como a ecopoesia repensa a integração entre ser humano e meio ambiente e se o jornalismo ambiental também expõe a mesma consciência. Para tanto, utilizarei como base a teoria cunhada por Glotfelty e observarei nos textos se a natureza é colocada como uma força independente, capaz de nos impactar e sofrer impactos causados por nós.

No capítulo a seguir, detalharei as características da ecocrítica, sua história e aplicação no Brasil. Os pesquisadores escolhidos como referência são os autores das obras que conheci durante o desenvolvimento do projeto *Ecocrítica e Ecopoética no Brasil*, em 2013, na Universidade de Alberta (UofA), no Canadá. O trabalho foi realizado sob orientação da professora Odile Cisneros, do Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais, como parte do programa *U Are* de intercâmbio de verão para estágio em pesquisa. As informações obtidas sobre os estudos de ecocrítica no Brasil e a vida e obra de alguns eco-poetas se transformou no site informativo *Ecopoesia*.

Já no terceiro capítulo, analisarei duas obras completas de três eco-poetas brasileiros reconhecidos internacionalmente: Astrid Cabral (*Visgo da Terra e Jaula*), Sérgio Medeiros (*Totens e Sexo Vegetal*) e Josely Vianna Baptista (*Corpografia e Roça Barroca*). A seleção dos livros e dos poetas foi embasada também em artigos e livros sobre ecocrítica que conheci ao longo do intercâmbio na UofA. As análises desta seção são fundamentadas nos textos que produzi e publiquei no *Ecopoesia*.

Em seguida, o foco passa a ser a mídia. O quarto capítulo será uma breve elucidação sobre o surgimento e a trajetória do jornalismo ambiental no Brasil. Percorrerei o caminho desde as primeiras coberturas de desastres ambientais, até a criação de cadernos especiais sobre meio ambiente em veículos tradicionais da grande mídia. Também explicarei os conceitos que adotarei para termos importantes da área ambiental.

O quinto capítulo será destinado ao estudo ecocrítico de reportagens ambientais. A princípio, a ideia de recorte para esta seção seria das três publicações impressas sobre meio ambiente de maior circulação no país. No entanto, apesar do enorme ganho de espaço que o segmento teve na mídia brasileira, o número de revistas especializadas na área ambiental ainda é muito reduzido e sua circulação de pouco alcance (juntos, os veículos impressos sobre o assunto atingem apenas 1,5 milhões de exemplares mensais).

Sendo assim, a opção que mais atende aos objetivos deste trabalho é a seleção de revistas sobre ciência. Considerado uma ramificação do jornalismo científico, o jornalismo ambiental recebe destaque significativo nesses impressos e poderá oferecer uma quantidade maior de material para a análise. Serão citadas aqui as matérias sobre meio ambiente das edições de fevereiro, março e abril de 2014 das revistas *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante*.

Por fim, ressaltarei os pontos comuns e divergentes entre as abordagens poético-literárias e jornalísticas sobre meio ambiente. Concluirei comentando se o jornalismo ambiental no Brasil tem como proposta não só informar seu público sobre os problemas ambientais que vivemos e que ainda podemos enfrentar, mas também incentivar mudanças de atitude, de visão e de identificação das pessoas frente à natureza.

## 2. O que é ecocrítica?

A ecocrítica é o estudo da relação entre o homem e o meio ambiente na literatura. O conceito surgiu no Reino Unido e na América do Norte no começo dos anos 90. Ainda recente, a ideia foi analisada e desenvolvida pela primeira vez por Cheryll Glotfelty, em seu livro *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (1996).

O que, então, é a ecocrítica? Em termos simples, ecocrítica é o estudo da relação entre literatura e ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a linguagem a literatura a partir da perspectiva de consciência de gênero, e a crítica marxista traz a consciência dos modos de produção e das classes econômicas a suas releituras, a ecocrítica toma uma abordagem centrada na terra para os estudos literários. (GLOTFELTY & FROMM, 1996: xviii, tradução nossa)

Na obra, Glotfelty (1996) destaca que a consciência ambiental já predominava em áreas das ciências humanas, como história e sociologia, desde a década de 1970, mas ainda exercia pouco impacto sobre a literatura. Apesar de abordar questões políticas e sociais importantes à época, como o movimento feminista, a maior parte dos estudos literários continuava ignorando a já bem conhecida crise ecológica mundial.

*The Ecocriticism Reader* foi a primeira antologia destinada a reunir artigos e ensaios de diferentes autores sobre ecocrítica. Ainda que pontuais, estudos sobre o tema já vinham sendo desenvolvidos em algumas escolas norte-americanas e europeias, mas existiam sem qualquer organização por parte dos autores, que muitas vezes nem sequer conheciam os trabalhos uns dos outros.

No prefácio do livro, o coeditor Harold Fromm explica o objetivo ousado da autora: “os planos dela [Cheryll] eram ambiciosos [...]: buscar um interesse em ecologia enquanto profissional em literatura e difundir a concepção de ‘ecocrítica’ na produção de uma antologia de ensaios ecocríticos” (GLOTFELTY & FROMM, 1997: ix, tradução nossa). Desde então, a ecocrítica foi desenvolvida em produções acadêmicas e literárias nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa.

Algumas universidades passaram a incluir cursos, programas e até escolas especializadas no estudo da relação entre natureza e cultura em seus currículos ao mesmo tempo em que os primeiros eventos acadêmicos começaram a ser organizados para debater o tema. No ano de 1992, foi criada nos Estados Unidos a primeira organização destinada a reunir ecocríticos, a *Association for the Study of Literature and Environment* (ASLE), que teve Cheryll Glotfelty como uma de suas co-criadoras.

Com a missão de “promover o intercâmbio de ideias e informação referentes à literatura que considera a relação entre seres humanos e o mundo natural” (GLOTFELTY, 1996: xviii), a ASLE passou a produzir no ano seguinte seu jornal interno *Interdisciplinary Studies in Literature and Environment* (ISLE), marcando a ecocrítica americana como um movimento acadêmico já na década de 90 (BARRY, 2009).

O termo ecocrítica foi utilizado possivelmente pela primeira vez em 1978 por William Rueckert em seu ensaio *Literature and Ecology: Na Experiment in Ecocriticism*, republicado no em *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. No texto, Rueckert define a ecocrítica como uma aplicação da ecologia e de conceitos ecológicos no estudo da literatura.

Para Glotfelty (1996), no entanto, o conceito deve ser abordado de forma mais ampla, incluindo toda possível relação entre a literatura e o mundo físico. Diferentes elementos do meio ambiente, povos que convivem diretamente com a natureza, atividades econômicas que exigem exploração dos recursos naturais e até mesmo o corpo humano também são objetos de estudo da ecocrítica.

Mas a natureza por si só não é o único foco dos estudos ecocríticos sobre sua representação. Outros assuntos estão inclusos, como animais, cidades, regiões geográficas específicas, rios, montanhas, desertos, indígenas, tecnologia, lixo e o corpo humano. (GLOTFELTY, 1996: xxiii, tradução nossa).

A visão ecocrítica tem também como característica importante a recusa da noção de que tudo que conhecemos é construído por conceitos sociais e linguísticos (BARRY, 2009). Os estudiosos ecocríticos defendem que, ao contrário dos assuntos estudados por outras teorias literárias, a natureza existe por si só, possui vida e força própria, e é capaz de produzir fenômenos que vão além da vontade do homem, assim como de sofrer fatalmente com atitudes tomadas por ele.

Para a ecocrítica, a natureza realmente existe, lá fora, além de nós, sem precisar ser ironizado como um conceito enclausurado entre aspas, mas realmente presente como uma entidade que nos afeta e pode ser afetada por nós, talvez fatalmente, se nós a maltratarmos. Natureza, então, não é reduzível a um conceito que nós concebemos como parte de nossa prática cultural. (BARRY, 2009: 243, tradução nossa)

## 2.1 Como a teoria é aplicada

Mas, enfim, como é feita a leitura ecocrítica de um texto? O que a diferencia dos demais estudos da literatura? A visão ecocrítica não possui um padrão universal que deva necessariamente ser seguido e aplicado, mas, na maior parte das abordagens feitas por estudiosos, um dos principais pontos de partida da teoria é a releitura de textos literários tendo como foco a representação da natureza. A intenção, nesse caso, do leitor ecocrítico é interpretar uma obra reduzindo-a a conceitos ecológicos (BARRY, 2009).

Publicações clássicas ou históricas são, então, analisadas não pelas relações e dramas existentes entre seus personagens humanos, mas por como é colocado no enredo o mundo natural não humano e de que maneira ele interfere na história. Ao contrário das formas de leitura mais comuns, que valorizam as pessoas e o que se passa no subconsciente delas, a ecocrítica analisa o que há fora do ser humano (BARRY, 2009).

No entanto, a característica mais marcante e que será mais relevante para este trabalho é o fato de a ecocrítica e seus leitores darem especial atenção a escritores que colocam a natureza em primeiro plano nas suas produções. Obras que valorizam a visão de que o homem não é independente ou superior ao ambiente natural e têm o objetivo de conscientizar problemas ecológicos são os principais pontos de fundamentação para a necessidade de existência da teoria aqui estudada.

Com isso eu quero dizer que elas [teorias críticas] apresentam posições que parecem contradizer noções da vida cotidiana que tendemos a intuitivamente tomar como certas ou verdadeiras. No caso da ecocrítica, a intuição que devemos levar em conta é a antiga e profundamente enraizada tradição cultural ocidental de atitudes antropocêntricas, que são religiosas e humanistas, e muitas vezes se consagram em referências e falas do lugar-comum. (BARRY, 2009: 252, tradução nossa)

A preocupação das sociedades ocidentais – a princípio as norte-americanas e europeias - com a conservação da natureza começou na década de 1960 com a criação do que Greg Garrard chama de ambientalismo moderno (GARRARD, 2006). Segundo ele, existe uma concordância geral em relação ao impulso pioneiro da escritora Rachel Carson em “Uma fábula para o amanhã”, do livro *Silent Spring* [Primavera Silenciosa], de 1962, para a criação da consciência ecológica moderna.

No texto, Carson inicia um relato poético e bucólico sobre um lugar do futuro onde humanidade e natureza viviam em harmonia, até o dia em que uma praga desconhecida fez toda forma de vida não humana desaparecer. A partir da catástrofe misteriosa, o texto especula possíveis causas mágicas e malignas para tamanha destruição até deduzir que o verdadeiro culpado pertence ao mundo real.



Assim, o texto fundador do ambientalismo não só começa com uma parábola decididamente poética, como apoia-se também nos gêneros literários da pastoral e do apocalipse, formas persistentes de imaginar o lugar do ser humano na natureza que remontam a origens como o Gênesis e o Apocalipse, primeiro e últimos livros da Bíblia. *Silent Spring* sugere, de início, que a ecocatástrofe mítica da fábula pode ser sobrenatural [...]. Mas depois a fábula conclui: ‘Nenhuma bruxaria, nenhuma ação inimiga silenciou o renascimento da vida nesse mundo abalado. Foram as próprias pessoas que o fizeram (GARRARD, 2006: 12).

O restante do livro se preocupa em comprovar que a destruição geral descrita era resultado de tragédias menores, que já eram parte da realidade em 1962 (GARRARD, 2006). Apesar do início literário, a obra de Rachel Carson era um apanhado de dados científicos sobre pesticidas orgânicos - posteriormente condenados - eficazes no combate a insetos causadores de praga, mas altamente prejudiciais à saúde das pessoas.

Garrard explica que a denúncia de *Silent Spring* não só alertou a população americana sobre o risco do uso indiscriminado de pesticidas, como também alavancou o desenvolvimento de substâncias agrícolas menos persistentes. Para ele, atitudes ambientalistas como essa impactam a política e a cultura modernas, contribuindo para mudanças e incentivando respostas dos estudiosos das humanidades.

O mundo acadêmico tem-se organizado em “disciplinas” científicas relativamente autônomas, e os problemas científicos parecem exigir mestria científica. Não obstante, é bem possível que as estratégias retóricas, o uso da pastoral e de imagens apocalípticas e as alusões literárias com que Carson molda seu material científico sejam passíveis de uma análise mais ‘literária’ ou ‘cultural’. É a essa análise que chamaremos ‘ecocrítica’. (GARRARD, 2006: 13)

Na visão de Garrard, a ecocrítica se diferencia das demais teorias literárias e culturais por sua relação próxima com um tipo de ciência, a ecológica. Além disso, ela deve ser vista como uma modalidade de análise política, já que, como propõe a definição de Cheryl Glotfelty, pode ser comparada ao marxismo e ao feminismo, e, neste ponto, se relaciona com os estudos ambientalistas de outras disciplinas, como a filosofia.

Os estudiosos da ecocrítica pretendem ter um discurso verdadeiramente transformador e impactar a sociedade de forma que ela reflita sobre suas próprias lógicas de negociação entre natureza e cultura. “Os ecocríticos podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites disciplinares e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria ‘capacitação ecológica’” (GARRARD, 2006: 16).

Em relação aos problemas de ecologia, Garrard destaca que é importante fazer uma ressalva sobre a importância de diferenciar problemas de ecologia e problemas ecológicos. A partir das definições de John Passamore, ele defende que os primeiros são questões científicas, que precisam ser resolvidas com soluções ecológicas, já os segundos são aspectos da nossa forma de lidar com a natureza, os quais queremos mudar, mas não enxergamos como as bases que sustentam a forma como vivemos hoje.

Por isso, obras como a de Rachel Carson têm o papel fundamental de mostrar aos seus leitores que os problemas de ecologia, as ecocatástrofes, e outros riscos de destruição envolvendo seres humanos e não humanos, existem por uma única (ou principal) razão: a relação que a nossa sociedade estabelece com a natureza e seus recursos. E, portanto, para que eles sejam notados e, então, combatidos, a ecocrítica pode ter papel fundamental.

O grande feito do livro [*Silent Spring*] foi transformar um problema (científico) da ecologia num problema ecológico amplamente percebido, que foi então contestado nos planos político e jurídico, nos meios de comunicação e na cultura popular. Portanto, a ecocrítica não pode dar uma grande contribuição aos debates sobre problemas da ecologia, mas pode ajudar a definir, a examinar e até a resolver problemas ecológicos nesse sentido mais amplo. (GARRARD, 2006: 18)

Por fim, como já dito, a ecocrítica não possui uma regra única de leitura, mas a que Greg Garrard relata em seu livro e que também servirá de base para este estudo se fundamenta na utilização da retórica para comprovar a intenção transformadora de obras ecocríticas. Logo, analisar aspectos como a aplicação de recursos literários – como o caso das imagens bucólicas em *Silent Spring* - a alusão a outros problemas ambientais já conhecidos e os locais de nascimento e criação do autor serão meu ponto de partida.

Com base nos princípios da ecocrítica aqui detalhados, trabalharei com o estudo da representação do meio ambiente em produções textuais específicas: a poesia e o jornalismo. Chamada de ecopoética, a análise da relação entre homem e natureza na poesia brasileira constituirá a primeira parte de minha análise, seguida pela comparação com textos jornalísticos sobre a temática ambiental.

Para isso, serão analisadas duas obras de três ecopoetas brasileiros contemporâneos reconhecidos nacional e internacionalmente - Astrid Cabral, Sérgio Medeiros e Josely Vianna Baptista – em comparação às reportagens ambientais publicadas nas três maiores revistas impressas sobre ciência do Brasil – *Ciência Hoje*,

*Galileu e Superinteressante* – nas edições dos meses de fevereiro, março e abril de 2014.

## 2.2 A ecocrítica no Brasil

No Brasil, a ecocrítica ainda é pouco explorada pelos departamentos de estudos literários das universidades. Em uma busca rápida pela internet, ainda são encontrados poucos artigos acadêmicos sobre o tema, sendo a maioria expressiva produzida em escolas da região Nordeste. Entre as principais formas de aplicação da teoria, destaca-se a releitura de obras clássicas da literatura brasileira.

Romances como *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e *Manuelzão e Miguilim* (1964), de Guimarães Rosa, já foram objetos de análise ecocrítica na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), produzidos por pesquisadores do Centro de Artes e Comunicação (CAC)<sup>1</sup> e da Faculdade de Letras<sup>2</sup>, respectivamente. Outros artigos também sobre autores de clássicos brasileiros foram desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Mas é a Universidade Federal da Paraíba que sobressai nos estudos ecocríticos brasileiros. A instituição organizou e sediou em 2012 o I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica do país, como tema “As linguagens da natureza e suas representações”. O evento durou três dias e resultou na apresentação de mais de 60 artigos sobre ecologia, educação ambiental, literatura e ecocrítica.

A chefe da comissão organizadora do Congresso é a professora doutora Zélia M. Bora, responsável também pelo pioneiro curso de extensão “Literatura e Ecocrítica no Ensino Médio”, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da UEPB. O conteúdo das aulas é revertido na aplicação em escolas para auxiliar professores no ensino da literatura para turmas de Ensino Fundamental e Médio<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> LIMA, A.P.P; FERREIRA, E.M.A. Representações da Natureza na Literatura: O primitivo e o civilizado sob o olhar da ecocrítica. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 27., 2009. Recife. *Resumos...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://www.contabeis.ufpe.br/propesq>>. Acesso em: 20 nov. 2014. p. 3.

<sup>2</sup> REIS, Diogo de Oliveira. Miguilim e o direito dos animais. *Miguilim* – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 1, p. 25-40, abr. 2013.

<sup>3</sup> ALVES, M.B.I et al. LITERATURA E ECOCRÍTICA NO ENSINO MÉDIO – 2012. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/>> . Acesso em: 20 nov.2014. p. 5

A segunda edição do Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica aconteceu entre 29 de julho e 1º de agosto deste ano, em Valladolid, na Espanha.

### **3. A ecocrítica na poesia brasileira: eco-poética**

O Brasil possui uma das mais importantes reservas naturais do mundo: a Floresta Amazônica. Maior floresta tropical do planeta, ela é povoada por cerca de um quarto das espécies terrestres conhecidas, concentra dois terços de toda a água potável existente na Terra e tem metade de sua extensão localizada em território brasileiro.

No período colonial, o investimento português em delimitar e ocupar a região amazônica iniciou o interesse na exploração de seus recursos naturais. Desde então, a abundância de madeira e animais silvestres se tornou alvo das atenções econômicas internacionais.

Apesar de o pensamento ecológico ainda ser um fenômeno recente na América Latina, no Brasil, especificamente, a natureza sempre teve destaque na literatura. Desde romances clássicos do século XIX, como *Iracema*, de José de Alencar, riqueza ambiental do país sempre foi destacada por seus escritores, ainda que de forma romantizada.

Após a Semana de Arte Moderna, na década de 1920, e a difusão de produções literárias inovadoras, como o *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, iniciou-se uma nova concepção de arte, literatura e identidade brasileiras. O propósito de repensar a cultura nacional estimulou artistas e escritores a valorizarem a natureza e a herança da cultura indígena do Brasil.

A partir daí, a conscientização sobre a importância de conservar os recursos naturais passou a fazer parte das produções literárias do país. Em 1954, a capital do Amazonas, Manaus, foi palco da criação do Clube da Madrugada. Influenciado pelas ideias modernistas, o grupo se formou como um movimento artístico e literário, criado por escritores locais para questionar as limitações e padrões da literatura convencional (MACIEL & TELLES in CABRAL, 2005).

Do Clube surgiram grandes poetas como Astrid Cabral. Nascida na região amazônica e ativista ambiental declarada, a escritora usa as memórias de sua infância, vivida em contato com a floresta, para construir uma nova relação entre ser humano e natureza. Considerada uma das mais importantes eco-poetas brasileiras, Astrid tem seu trabalho reconhecido no âmbito nacional e internacional.

Além da floresta amazônica, o Brasil possui outra característica eco-poética única: a influência da cultura ameríndia. Apesar de marginalizadas na política e na economia, as tradições indígenas são expressivamente representadas na literatura

brasileira. Na produção poética, Sérgio Medeiros é um dos mais eminentes autores que conecta poesia e aspectos culturais dos povos indígenas da Amazônia.

Especialista em teorias e mitos ameríndios sobre a origem do universo, o escritor se baseia em crenças indígenas para redefinir o “começo” do mundo e a origem do ser humano. De acordo com as lendas de algumas etnias ameríndias, a humanidade surgiu das árvores e está permanentemente conectada com a natureza e com os espíritos do universo.

Além de Medeiros, Josely Vianna Baptista também se aproximada cultura indígena em suas produções. Uma das poetas contemporâneas mais inventivas do país, ela traz em seus trabalhos a mitopoética de tradições orais de algumas etnias ameríndias, as experiências que viveu em visitas a comunidades indígenas e as semelhanças entre o corpo humano e as formas da natureza.

Nos tópicos abaixo, serão analisadas vida e duas obras de cada poeta aqui citado, com o objetivo de estudar as estratégias e características que tornam seus poemas produções ecopoéticas voltadas para a criação da consciência ambiental e valorização da cultura ameríndia. Os autores e suas obras foram selecionados para este trabalho por serem considerados referências da ecopoética brasileira em estudos acadêmicos internacionais.

Entre as referências utilizadas para tal escolha está a pesquisa *Ecopoética e Ecocrítica no Brasil*, que desenvolvi no ano passado sob orientação da professora Odile Cisneros, do Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais, da University of Alberta (UofA), no Canadá. O projeto, idealizado pela professora Odile, foi o primeiro estudo sobre ecopoética brasileira realizado com o objetivo de formar um banco de dados voltado para pesquisadores brasileiros.

Durante a execução de *Ecopoética e Ecocrítica no Brasil*, tive contato com o trabalho do pesquisador sobre ecopoética na literatura brasileira, Malcolm K. McNee, da University of Colorado at Boulder, nos Estados Unidos, de quem li, ainda em 2013, alguns artigos que, mais tarde, comporiam sua mais recente obra: *The Environmental Imaginary in Brazilian Poetry and Art* (2014), que foi lançada há poucos meses e estuda a poesia de Sérgio, Astrid e Josely.

### **3.1 Astrid Cabral: as memórias da infância e o contato com a Floresta Amazônica**

Astrid Cabral nasceu em 25 de setembro de 1936 em Manaus, Amazonas. Cresceu numa casa com grande jardim e quintal, onde animais e plantas estavam sempre

ao alcance da mão e da imaginação. Até os 18 anos, morou a maior parte do tempo na capital, que conciliava progresso econômico e ambiente natural numa época em que, segundo Cabral, “a natureza ainda coexistia exuberantemente com o a sofisticação urbana”.

Durante a década de 1950, a poeta integrou o renovador movimento literário Clube da Madrugada, ainda no Amazonas. Na adolescência se mudou para o Rio de Janeiro, onde se formou em Letras Neolatinas pela atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nos anos 60, época em que lecionava na Universidade de Brasília, abandonou o cargo em protesto, solidária com seus colegas cassados pela ditadura militar de 64 e só retomou a carreira acadêmica após o fim do regime.

Contista e poeta, Astrid já publicou mais de 10 livros de poesia e traduziu *Waldene Civil Desobedience*, do norte-americano Henry David Thoreau. Sob análise da ecocrítica, seus poemas ressaltam a relação entre o ser humano e os animais, o amor pela natureza e a preocupação ecológica. As mais diferentes criaturas fizeram parte da formação de Astrid Cabral como pessoa e escritora, e marcam suas obras com a sensibilidade de quem nunca rejeitou a própria animalidade.

### 3.1.1 *Visgo da Terra (1986)*

Em sua obra *Visgo da Terra* (2005)<sup>4</sup>, Astrid Cabral reúne poemas que celebram a natureza da Manaus de sua juventude em três partes elementares: “Terra”, “Água” e “Seres”. Em poemas saudosos, a autora descreve a natureza não só como quem já fez parte dela, mas como quem sempre a observou com admiração. Na apresentação da terceira edição do livro, o escritor Tenório Teles explica a relação da poeta com a Amazônia.

A ligação de Astrid Cabral com o mundo amazônico, seus elementos, não é interior, de alguém que viva uma relação de enraizamento e diálogo cotidiano com essa realidade [...]. É uma relação exterior, de uma observadora sensível, que vislumbra à distância. Contempla essa realidade com os olhos da memória. (TELLES in CABRAL, 2005: 17)

Com uma conotação subjetiva e pessoal, Astrid mostra o saudosismo com que guarda as lembranças da capital amazonense em meados do século XX, que, apesar de ter se tornado a primeira cidade urbanizada do Brasil (com sistema de saneamento básico e pavimentação de vias) após passar pelo Ciclo da Borracha (1879 a 1912), ainda

---

<sup>4</sup> Será utilizada como referência neste capítulo a terceira edição da obra, publicada em 2005.

preservava certa pureza provinciana na simplicidade de sua rotina e na proximidade com a floresta.

No primeiro trecho da obra, a poeta retrata a Manaus de sua infância, vista pelos olhos de uma criança, e mostra a "Terra" que a constitui. Nos detalhes dos bondes, dos passeios pela cidade, dos pontos turístico da capital amazonense e das brincadeiras infantis, ela mostra saudade de uma época marcada pela ingenuidade e pela simplicidade com que uma menina observa o que acontece à sua volta e vivencia experiências "adultas", como a ida a um cemitério.

Manaus de matinês que sabem a flertes e chicletes,  
Chaplin, banguê-banguês, Gordo e Magro, astros a brilhar nas telas dos cines  
Plytheana, Guaraby, Avenida e Éden.  
[...] Manaus que acorda com bondes dlém-dlém por ruas de pedra,  
resmungo de lanchas pelas barrancas a luzir lamparinas,  
ruído de serras e esfarelar lenha pras bandas do Caxangá  
[...] Manaus cheirando a borracha, bogaris, andiroba e pau-rosa, pães-de-  
milho e erva-doce que chegam pontuais às portas  
em vespertinas visitas de tabuleiros e cestas de vime.  
[...] Manaus de negras águas onde naufrago.  
Manaus de águas passadas. (CABRAL, 2005: 37)

Ao mesmo tempo, Astrid relata o que é o mundo para uma menina criada perto da natureza. O cenário de suas atividades cotidianas é o quintal de sua casa e as experiências são de contato íntimo com rios, plantas, animais e com a terra. A aparição constante da palavra "mundo" em diferentes poemas na primeira seção do livro refletem o universo que influenciou a formação da autora e que determinou sua personalidade, seu trabalho e sua forma de enxergar a realidade.

O mundo? Aquele quintal  
pulando cercas e ruas  
até mergulhar raízes  
no raso rio vizinho.  
Ah verde dossel de folhas  
periquitos papagaios  
mil sombras à flor da terra  
retalhos de azul e sol!  
Chuvas de frutas maduras  
pedras tingidas de limo  
troncos de pardas orelhas.  
Entre galinhas de Angola  
a ciscarem grãos de milho  
Rum jabuti tartamudo  
arrastava-se no exílio.  
[...] (Meus olhos ciscando o mundo.) (CABRAL, 2005: 30)

Já em "Água", a poeta revela a ligação e a afeição que tem pelos rios, elementos encantadores e traiçoeiros marcantes da região amazônica e de sua



infância/adolescência. Observados com cuidado e descritos como cenários de alguns episódios assustadores, eles são também, de certa forma, temidos pela poeta. No poema “Água Doce”, por exemplo, a beleza e a força das águas mostram a autonomia da natureza, capaz de ultrapassar qualquer tipo de controle humano.

A água do rio é mansa  
sem ameaça constante das vagas  
sem a baba de espumas brabas.  
A água do rio é mansa/ mas também se zanga.  
[...] Mas também transborda e inunda  
também é vasta, também é funda  
também arrasta, também mata  
Afoga quem não sabe nadar.  
Enrola quem não sabe remar.  
A água do rio é doce  
mas também sabe lutar (CABRAL, 2005: 73).

Já nos versos de “Folhágua”, Astrid se coloca como parte da natureza, e se define: “Se me perguntam que sou /digo: sou rio e floresta. / Daí o nome folhágua” (CABRAL, 1985: 83). Enquanto em “Anfíbia”, a autora ressalta a irmandade entre seres humanos e animais, vivido profundamente por ela quando menina, nas brincadeiras com a liberdade de misturar-se às águas e seus anfíbios e peixes.

Esse é o meu reino, penso aliviada  
até que alguns adultos me aprisionam  
no curral de uma sala encortinada  
e então massacram meu pendor anfíbio  
com sermões e censuras bem mesquinhas  
e ameaçam com a voracidade e a fúria  
de poraquês, piranhas, jacarés.  
Tudo para que em terra firma pise  
essa menina irmã de tartarugas  
tão inquilina de igarapés. (CABRAL, 2005: 84)

Por fim, o encerramento da obra, “Seres”, tem como foco os seres humanos e o ciclo da vida. Apesar de perpassarem versos de todo o livro, as pessoas descritas por Astrid - integrantes de sua família e amigos de infância - aparecem com mais destaque nos últimos poemas e são associados à chegada da morte, tanto como fim da existência humana, quanto como desaparecimento da imaginação, que sucumbe junto com a infância.

Na roda-viva dos vivos  
a morte foi tirando a sorte:  
[...] este dentro este fora.  
Pegou meu pai de surpresa  
‘tão moço’ diziam todos  
(minha mãe sete anos de preto)

a vida inteirinha de luto)  
[...] Depois, ai de mim, foi a vez de meu Avô  
que sem fé não quis a visita do padre  
[...] Taturubimtaturubimtetê  
tique-taque tambarola  
este dentro este fora.  
Na terra o jogo segue macabro:  
Quem vai brincar no céu agora? (CABRAL, 2005: 102)

No último poema de *Visgo da Terra* (1985), Astrid Cabral se despede de sua pureza de menina com saudade, solidão e melancolia. Arrastada para o mundo adulto, ela também não consegue evitar que seus olhos já não enxerguem mais o mundo como antes e que se universo se distancie dos detalhes únicos da rotina de contato com a terra, a água e a floresta. A “Manaus de águas passadas” fica, junto com sua infância, apenas na memória, mas sem jamais ser esquecida.

Tive em menina um dragão chinês  
que se hospedava no vão das moitas  
habitando a noite do meu jardim.  
[...] De sua tosse brotavam chispas e chamas  
e fogueiras breves rubras se acendiam  
iluminando o território do meu sonho.  
Assim foi até que me pus a conquista-lo  
(tarefa em que se foram anos e enganos)  
[...] Ele se fez todo doçura e manso obediente  
se foi minguando enquanto eu crescia.  
Até que se sumiu um belo dia. (CABRAL, 2005: 114)

### 3.1.2 *Jaula* (2006)

No livro *Jaula* (2006), também publicado em edição bilíngue português e inglês como *Cage* (2008), Astrid Cabral faz mais um retorno às suas origens, e viaja até a região amazônica de sua infância. Desde aventuras no jardim até expedições no meio da Floresta Amazônica para conhecer e tocar pequenas lagartixas ou botos cor-de-rosa, a obra faz um percurso pela infância e crescimento da autora. Mas, diferentemente de *Visgo da Terra* (1985), o livro tem como único foco os bichos e a animalidade humana.

O bestiário de Astrid Cabral começa singelamente nesta declaração: ‘o bicho é meu amigo’. Pois é pelo reatamento da amizade com os bois, as onças, o cavalo marinho, a ararajuba, [...] que vamos reencontrar nossa animalidade, resgatar nosso pertencimento à natureza. [...] Os versos de *Jaula* trabalham pela liberdade e o respeito aos animais, remetendo-nos ao encantamento que em outras eras unia homens e bestas num só território mitopoético. (SANTOS in CABRAL, 2006)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Orelha do livro *Jaula* (2006), assinada por Jair Ferreira dos Santos.

Não há segredo para libertar os animais que existem em volta e dentro do eu lírico criado pela autora, já que eles correm livres pelos versos de uma publicação que revela todo amor e respeito da autora pelos bichos. Observando-os como temíveis, como selvagens, ou como domesticáveis, Astrid mostra as várias facetas de bestas da natureza amazônica e humana. Ao libertar suas angústias, o eu lírico também se mostra como fera, também revela sua força.

Dentro de mim há cachorros  
que uivam em horas de raiva  
contra as jaulas da cortesia  
e as coleiras do bom senso.  
Solto-os em nome da justiça  
tomada de coragem homicida.  
Mas sabendo que raiva mata  
à míngua de tomar meus cães  
vacinei-os. Ladrem mas não mordam  
e caso mordam, não matem. (CABRAL, 2006: 25)

*Jaula* (2006) também evidencia o ecoativismo da escritora amazonense que, em alguns momentos, torna mais agressiva sua postura em defesa da natureza. Criticando o assassinato de animais em prol das vontades humanas, os poemas “Açougue”, “Surdos e cegos”, “Tartarugadas” e “O peixe” ironizam a cegueira e indiferença do ser humano em relação à morte de outros animais, seus iguais.

Os olhos de vidro não veem  
o que os verdadeiros já viram.  
Ali a cabeça decepada  
insiste em máscara de vida.  
O embuste fincado à parede  
lembra o abate dia após dia.  
Chairas cutelos facas cumprem  
no cepo o esquitejo do boi  
varejo dos membros de talho.  
O semovente ser no verde  
pasto da manhã clara vira  
lombo picanha alcatra chã.  
[...] Alguns nem se quer se dão conta  
ciosos só de contas e trocos  
pesos contrapesos gorjetas.  
A maioria só vê na carne  
nervos e teor de gordura  
cor textura grau de frescor. (CABRAL, 2006: 58)

Já nos últimos poemas, Astrid defende a natureza de forma crítica, contestando a equivocada ideia da nossa sociedade em relação à superioridade humana. No poema “Encontro no jardim”, o voz poética exalta a igualdade entre ser humano e serpente num encontro que verte a reação inicial de estranheza e asco na revelação de uma irmandade.

Com texto complexo e multifacetado, a antologia constitui um irreverente guia pelo mundo natural e uma meditação sobre os conceitos de animalidade e humanidade.

Ondulado  
o corpo  
réptil  
sempre  
à frente  
rente  
ao solo  
graças  
à oculta  
mola  
a cobra  
ágil  
desenhava  
seu caminho  
no verde.  
Olhei-a de frente:  
sua cabeça  
erguida em talo  
eu entala  
e colo em sobressalto.  
Sensação de asco  
me percorrendo  
inteira  
tamanha a estranheza  
de cores e contornos  
postos em confronto.  
Súbito  
a revelação  
em luz se acende:  
um segredo a nos unir  
[...] Eu também ser de veneno  
Eu também ser inepto ao voo.  
Ambas inquilinas do mesmo solo  
Ambas coincidentes no tempo.  
Então eu toco sem nojo  
o corpo da exótica irmã. (CABRAL, 2006: 52)

Astrid Cabral também faz referências à relação entre o ser humano e o ambiente natural em outras de suas publicações. Em seu primeiro livro, a coletânea de contos *Alameda* (1963), vegetais se tornam personagens trágicos de histórias que representam o destino da humanidade. Já na produção poética *Torna Viagem* (1981), a autora compõe versos de minuciosa contemplação da natureza, com foco no passado histórico do Oriente Médio, onde viveu por três anos.

Já *Lição de Alice* (1986) é uma crítica em forma poética ao tratamento dado pelo homem à natureza e aos animais. *De déu em déu* (1998) é a compilação de todas as obras poéticas anteriormente citadas e *Rês desgarrada* (1984), reunindo os mais diferentes objetivos da poesia de Astrid Cabral. *Intramuros* (1998), relançado em 2011

em versão ampliada com poemas inéditos, traz a relação da visão subjetiva da autora com a realidade de contato entre urbano e natural das cidades.

Nos poemas de *Rasos d'Água* (2003), o sofrimento humano é lavado pelas águas, comparadas ao movimento e aos ciclos da natureza. Em seu mais recente livro de poesia *Palavras da Berlinda* (2011), a escritora amazonense compara palavras, poemas e poetas a elementos e seres da natureza, seja pela dureza das pedras, pela leveza da água ou pela engenhosidade das formigas. Astrid Cabral publicou também *Ponto de Cruz* (1979) e *Ante Sala* (2007).

### **3.2 Sérgio Medeiros: cosmogonias indígenas e poesia nonsense**

Sérgio Medeiros, um dos mais reconhecidos nomes da literatura brasileira contemporânea, nasceu em 1959 na cidade de Bela Vista (MS). Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é professor de Teoria Literária na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de tradutor, ensaísta e poeta. Atua, entre outras áreas, no estudo de heróis, mitos e deuses. Como tradutor, verteu na íntegra para o português a cosmogonia maia-quiché *Popol Vuh* (2007).

As obras de Medeiros que analisarei aqui, a partir da perspectiva ecocrítica - *Sexo Vegetal* (2009) e *Totens* (2012) -, pouco fazem referência ao ser humano e abordam o que o autor chama de *sex appeal* vegetal. O poeta se inspira em mitos da cosmogonia<sup>6</sup> indígena de povos da Amazônia, para ressaltar as relações entre árvores e outras plantas, as quais acontecem independentemente da vontade ou presença do homem.

#### **3.2.1 *Sexo Vegetal* (2009)**

Publicado nos Estados Unidos como *Vegetal Sex* (2010) sob a tradução de Raymond L. Bianchi, *Sexo Vegetal* (2009) se fundamenta nos estudos de Sérgio Medeiros sobre cosmogonia, que geram uma obra poética baseada nos mitos ameríndios da gênese humana. A partir da crença indígena de que as árvores deram origem aos homens, o autor faz uma exaltação à capacidade erótica dos vegetais e um elogio ao “começo”.

O livro não inclui o sexo animal e de forma alguma liga analogicamente as relações vegetais ao comportamento humano. Ao contrário, ele destaca a atividade

---

<sup>6</sup> Na definição do dicionário Michaelis, cosmogonia pode ser definida como cada uma das diferentes teorias filosófico-religiosas, criadas pelo homem, através dos tempos, que pretendem explicar a origem do universo

vegetal como uma vida autônoma, enquanto nós, homens, somos apenas admiradores ou uma pequena parte, quando permitido, de um ambiente natural independente. Nas primeiras páginas do livro, o poeta explica o que é sexo vegetal.

O potencial erótico [dessa ontologia] é imenso: alarga as fronteiras daquilo que é comumente considerado atividade sexual humana e permite erotizar plantas e árvores. Quando um mito traz à tona cosmogonias e cosmologias refere fatalmente uma atividade sexual desenfreada. Essa obra alarga as fronteiras daquilo que é comumente considerado atividade sexual humana e permite erotizar plantas e árvores, por exemplo. [...] O sexo vegetal é uma cosmogonia, Uma humilde (re)criação do mundo. Humilde e eficaz a sua maneira. Eis a questão. (MEDEIROS, 2009: 16)

No estilo *nonsense*, um “projeto político europeu”, o autor cria poemas de dois tipos ao longo da obra. O primeiro estilo descreve, a partir de um olhar de observador atento, flores, folhas e árvores, em variados estados: vivas, mortas, verdes, desfolhadas, altas e baixas. São vegetais que interagem com animais, água, terra e vento com uma intimidade única. Todos os poemas com essas características são intitulados *Décor*, que significa “decoração da cena de um teatro”<sup>7</sup>.

- flores boiam na água e suas sombras têm uma aura clara e se movem no fundo mais levemente  
- os troncos cobrem-se de olhos enormes e lançam longas hastes verdes para o alto, como cílios que também são dedos (MEDEIROS, 2009: 17)

Já o segundo tipo de poema retrata pessoas como coadjuvantes das relações vegetais. Seus papéis consistem em apenas observar ou fazer parte, mas sem grande importância, de fenômenos simples da natureza. Em todas as situações, o personagem humano tem algum tipo de reação ao admirar ou ter contato com as árvores: surpresa, curiosidade ou êxtase. Enquanto parecem retornar às suas origens, os indivíduos entram em trilhas, bosques e florestas e nunca saem da mesma forma que chegaram.

Uma moça nem magra nem gorda. Pedalava tenazmente numa estrada de chão nos arredores de Terenos quando viu um bosque junto a um portão fácil de abrir. Abriu o portão. Entrou no bosque caminhando. [...] Sentou-se no capim. Logo se pôs de pé. Pedalou tranquilamente de volta para casa. Em casa (quando despiu a calça) constatou que tinha as coxas cobertas de areia. Areia morena com alguns fiapos de grama. Como se tivesse rolado livremente no chão. Não se lembrava. (MEDEIROS, 2009: 25)

---

<sup>7</sup> Definição retirada do Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acessos em: 02 out. 2014.

Além disso, o autor retoma, a todo o momento, sua proposta de exaltar o “começo”. Com base numa releitura do conceito de totemismo desenvolvido pelo antropólogo Levi-Strauss, que será mais bem destrinchado no próximo tópico, Medeiros mostra a representação de cada pessoa ou família por vegetal. Uma referência à tradição do totemismo indígena de utilizar nomes de bichos e plantas para nomear e separar clãs, e à inversão da origem humana, colocando a morte do homem como geração do vegetal.

De repente ele disse para a mulher algo sobre o totemismo. Ela sabia que ele gostava de fotografar bananeiras. [...] Lembrou-se disso ao ouvir seu parceiro falar de totem. (A mulher parecia uma japonesa mas era provavelmente uma índia.)

[...] A mulher visualizou um cemitério onde os mortos teriam *pseudônimos vegetais*. Sobre cada túmulo haveria um símbolo que representaria [...] o sujeito ali enterrado.

[...] Lembraram-se também de que a primeira mandioca da América nascera sobre o túmulo de uma indiazinha. Um índio curioso ou espantado arrancou então a mandioca do chão.

A mulher pensou que cada corpo humano (uma vez enterrado) poderia gerar uma planta diferente. Se foi assim no começo poderá ser assim no fim. (MEDEIROS, 2009: 47)

### 3.2.2 Totens (2012)

No livro *Totens* (2012), Sérgio Medeiros reúne dois trabalhos distintos, mas interligados. No primeiro trecho, o poeta amplia a importância do personagem Enrique Flor, tocador de órgão selvagem e especialista em música vegetal, criado pelo escritor irlandês James Joyce no clássico romance *Ulisses*. Um português de forte traço irlandês, Flor se apresenta em elegantes casamentos de pessoas que têm, como principal peculiaridade, nomes de árvores e flores como seus sobrenomes.

Tal característica dos personagens representa a releitura que autor faz sobre totemismo, vendo-o como continuidade, não necessariamente mística, entre homem e natureza. Assim como o antropólogo em que se baseia, Levi-Strauss, Medeiros coloca o totemismo não apenas como um símbolo de identidade entre ser humano e natureza, mas como um sistema de classificação (WANDELLI, 2012: 3). E vai além ao utilizar, assim como fazem alguns povos indígenas, nomes de plantas para identificar e separar famílias em sua obra.

noivas e noivos o contratam para tocar nos seus matrimônios  
ao som da sua música árvores brotavam como colonistas sociais  
da época não deixaram de registrar nos nomes e nos sobrenomes dos  
noivos  
brotavam também nas roupas que vestiam  
brotavam nos nomes e sobrenomes dos padrinhos  
nas roupas dos convidados e dos garçons  
desabrochavam flores em tudo e todos (MEDEIROS, 2012: 19)

Depois de passar um tempo tocando em matrimônios em Portugal e na Irlanda, Enrique Flor chega ao Brasil, onde se rende à beleza vegetal dos trópicos e passa a viver explorando e admirando o ambiente natural. Em suas passagens por cada país, o protagonista se metamorfoseia, sendo Henry Flower, na Irlanda, e Henrique Flores, no Brasil. A cada cena relatada de suas aventuras - caminhadas por dentro de florestas e viagens à deriva - uma nova paisagem surge para desaparecer em poucos versos.

o senhor Enrique Flor e Mrs. Arababella Blackwood chegaram à costa brasileira abraçados a um tronco de árvore tão comprido quanto um totem canadense  
puseram os joelhos no Maranhão e abraçaram-se felizes e continuaram ajoelhados na areia branca como um lençol sem se desgrudar um do outro  
[...] para testar a lucidez do maestro desnudo e em êxtase a seu lado ela lhe perguntou se ele ainda se lembrava de que tocara *Woodman, spare that tree* ao final de uma cerimônia religiosa em Dublin muitos muitos anos atrás  
de braços abertos um trêmulo Enrique Flor se levantou e entoou em solo brasileiro pela primeira vez uma canção irlandesa e bateu fortemente o pé na areia (MEDEIROS, 2012: 44)

Na segunda parte da obra, os protagonistas são os “eletesqus”, pequenos seres de pele encardida e cabelos longos. Figuras lendárias da cultura da região de fronteira do Brasil com o Paraguai, eles convivem com outras criaturas estranhas e com o BAFO, “vilão tropical” sem forma definida e representante do típico calor tropical brasileiro. Nos poemas também em estilo *nonsense*, homem, animal, vegetal e divindade são elementos indissociáveis, como na figura de um totem.

no carro parado na fila cedo um *eletesqu* arruma os cabelos longos  
depois estiva para fora da janela o braço expondo-o ao sol abre e dobra os dedos como se lançasse fios ou gotas no asfalto

atrás do ônibus a motoqueira de longa peruca loura escapando do capacete negro firma no asfalto o esquelético pé branco calçado numa sandália de finíssimo solado

Numa crítica ao estilo de vida da sociedade ocidental, Medeiros aproxima e até interliga os elementos animais e vegetais ao BAFO e aos “eletesqus”, estes que são, não por acaso, perdidos, solitários e bastante parecidos com o ser humano, a ponto de não sabermos exatamente em quais momentos os poemas falam da criatura ou do homem. Em *Totens* (2012), o autor abusa de metáforas e associações que fundem ser humano e natureza em poemas complexos que beiram o surrealismo.



Sérgio Medeiros também é autor dos livros de poesia: *Mais ou menos do que dois* (2001), *Alongamento* (2004), *Totem & Sacrifício* (2007) - em edição bilíngue português e espanhol -, *Figurantes* (2011) - uma sequência de cem poemas numerados sobre os seres do mundo não humano, num exercício de olhar e observação sobre a cidade de Florianópolis, onde Medeiros reside desde 1997.

Em *O Choro da Aranha* (2013), que também pode ser considerada uma produção ecopoética, Medeiros transpassa os limites entre vida e poesia em textos sobre o meio ambiente natural e urbano no mesmo espaço. Sobre as tradições orais de povos indígenas da Amazônia, lançou no ano passado a publicação de contos *O Desencontro dos Canibais* (2013), que amplia a ideia do *sex appeal* vegetal a partir do mito ameríndio sobre o Jurupari, ou “filho da fruta”, que tem mãe humana e pai vegetal.

Em 2014, o autor ainda lança sua obra infanto-juvenil *De Duendes e Folhas Secas*, que tem seus personagens também inspirados na mitologia ameríndia, pela filial brasileira da editora espanhola SM. Desde 1997, o escritor trabalha da reedição da obra do Visconde de Taunay.

### **3.3 Josely Vianna Baptista: a relação entre o corpo humano e natureza**

Josely Vianna Baptista nasceu em 1957 em Curitiba, capital do Paraná. Graduada em Língua e Literatura Espanhola e Literatura Hispano-americana pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), possui especialização em Semiótica e curso de Língua e Cultura Guarani. Editora, poeta e tradutora, já verteu, do espanhol para o português, mais de 100 títulos de prosa, poesia e ensaio.

Dois de seus trabalhos mais importantes foram as traduções de *Luna de enfrente* e *Cuaderno San Martín*, de Jorge Luis Borges, que renderam a Josely o Prêmio Jabuti de Tradução (1999). Também organizou e editou a coleção *Cadernos da Ameríndia*, que apresenta, por meio de ensaios e traduções, peças da mitopoética oral das etnias Mbyá-Guarani e Nivacle. Uma das poetisas brasileiras mais reconhecidas, Josely tem livros publicados no Brasil, no México e nos Estados Unidos.

Em seus trabalhos ecopoéticos, a escritora utiliza como referência não só os cantos de povos ameríndios da Amazônia, mas a relação entre o corpo humano e a natureza. Também templo de mitos antigos, o corpo é atravessado pelo tempo, muitas vezes de forma mais evidente, rápida e cruel do que outros elementos do ambiente natural. E é por meio das marcas do crescimento, da dor e do envelhecimento que a falsa ideia de superioridade humana em relação à natureza se finda.

### 3.3.1 *Corpografia* (1992)

Em *Corpografia* (1992), que reúne poemas de Josely Vianna Baptista e desenhos do artista plástico Francisco Faria, texto e imagem se complementam. Os versos escritos em aeração – separação entre as letras que causa estranheza por levar o texto ao limite do legível - dão um novo ritmo à respiração do leitor e à sua visão sobre os poemas, enquanto as ilustrações mostram os detalhes do corpo humano por ângulos e perspectivas diferentes das que estamos habituados a ver.

que pulse, repulse s  
óis, tufos, violetas  
sob um céu pedrento,  
de chuva ou de vento  
e traduza os fólhos  
da imagem da pele em  
nuvem lazúli, bulbo  
de veludo e pulse, re  
pulse sóis, tufos, li  
lases ao ler os inf  
ólhos da imagem da p  
ele em palimpsesto:  
um abrir-se à brasa  
quando a alma nua se  
veste de ares e o sol  
calcina em salamand  
ras rubras a galas  
em flor de uma orquídea rara. (BAPTISTA, 1992: 39)

Os desenhos de Faria sugerem, ainda, um percurso expandido do olhar: atenção completa ao que se vê, sem o domínio da vontade. Essa forma de enxergar o ambiente natural complementa a ideia da obra de trazer a interação não direta, mas contemplativa, do ser humano em relação ao universo. Como a própria autora aponta no texto inicial da obra, intitulado “Autópsia poética das passagens”, o olhar do homem é que faz do ambiente natural uma paisagem.

Meu olhar deriva e a vontade realiza seu percurso mínimo. A passagem do olhar pelo corpo natural é o próprio acontecimento da paisagem. O instante em que laço minha vista como quem lança dados. Momento em que estou absorto e você me diz “distraído”. Delicado acaso de revelação íntima, a paisagem surge como a imagem do ato de contemplar. (BAPTISTA, 1992: 13)

Passível de modificações e impressões causadas pelo toque, pelo sofrimento, e, principalmente, pelo tempo, o corpo humano deve ser visto como uma passagem. Ele está sempre aberto e exposto às intempéries, assim como o solo. Nos versos da seção “Espero ardente” de *Corpografia* (1992), corpo humano e ambiente se espelham, se

comparam e se aproximam, rompendo a distância por meio do desejo, que se mostra como percurso, do corpo passagem em busca da natureza paisagem.

[...]e essa m  
inha festa de silên  
cio e o acerto que s  
e enreda em meus pel  
os, se degela na pele  
no sempre ausente  
s.o.s de oásis prese  
nte: a vida: uma aleg  
ria de fotografia? e  
um amor me abre em v  
ale de talvez passa  
gens, essa miragem q  
ue é gen de paisagen  
s, corpografia em vo  
ga e viagem, nessa vê  
rtigem de teu sorri  
so que nem o tempo, r  
ede de elipses, mina (BAPTISTA, 1992: 19)

Por fim, a última seção da obra, “Variações sobre um mesmo corpo”, traz textos de quatro escritores - Severo Sarduy, Néstor Prolongher, Rodrigo Garcia Lopes e Haroldo de Campos - sobre suas visões em relação ao corpo humano, abordando: as tatuagens, desenhos feitos sobre a pele que jamais podem ser apagados; os corpos como “frágeis projetos de ruína”, sempre apodrecendo; o corpo-paisagem, objeto de estudo do olhar observador; e a poesia em “língua morta”, “editada” pelo tempo.

### 3.3.2 *Roça Barroca* (2011)

Já em *Roça Barroca* (2011), a poeta paranaense se aproxima, assim como Sérgio Medeiros, da mitopoética indígena, por meio dos cantos do povo Mbyá-Guarani, da região do Guairá, no Paraguai, e do Paraná, no Brasil. Uma mescla de tradução e criação, o livro reúne as versões em português dos três primeiros capítulos do livro *Ayvu rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá* (1959), de León Cadogan, que registra os cantos em linguagem original e em espanhol.

Cotejada com a versão em espanhol, minha tradução apresenta principalmente variações oriundas de um partido tradutório que prezou a materialidade quase ideogramática da língua indígena [...], em vez de acatar a opção por vezes parafrástica do castelhano. O cuidado com a forma transformou-se, então, num pouco do ‘sussurro ancestral’ da língua guarani. (BAPTISTA, 2011: 13)

A partir de um estudo minucioso, Josely verteu para nosso idioma, da forma mais fiel possível aos originais, três cânticos que traduzem os principais conceitos da cosmologia guarani. O primeiro deles trata da criação do universo “nos últimos confins do caos obscuro”, enquanto o segundo conta o surgimento da “fonte da fala”, desdobramento do deus supremo para criar o som sagrado. Por fim, o terceiro, citado abaixo, relata a criação da “primeira Terra” a partir do bastão do deus supremo.

Antes de a Terra existir,  
no caos obscuro do começo  
tudo oculto em sombras,  
o princípio de um som sagrado, ele, a sós, criou.  
Tendo a florado, a sós, a fonte da futura fala,  
e desdobrado, a sós, um pouco de amor,  
tendo criado, a sós, um breve som sagrado,  
ele refletiu longamente  
sobre com quem compartilhar a fonte da fala;  
sobre com quem compartilhar o amor,  
com quem partilhar as feiras de palavras do som sagrado. (BAPTISTA, 2011: 33)

Na segunda parte da obra, intitulada “Moradas nômades”, a autora expõe reflexões poéticas sobre suas viagens “reais e imaginárias” a comunidades do povo guarani. Os poemas complementam as traduções da primeira seção e retratam ritos de passagem, reprodução e morte. Valorizando a palavra, assim como fazem os Mbyá-Guarani, Josely continua o trabalho que fez em *Corpografia* (1992) e convida “o corpo à leitura” aproximada da natureza em seus momentos de metamorfose.

No poema “treno”, por exemplo, a poeta descreve: o rumo / de seu desfecho / um homem ouve / o som rouco / que vem do sopro / nos colmos / longos e ocos / do torém / sem remo / só / em silêncio / seu bote / transpõe / a esmo / o curso terno / extremo (BAPTISTA, 2011: 122). Nos versos, a morte de um homem acontece de forma calma, em comunhão com as águas, mas ao som do torem, dança indígena que consiste na imitação dos animais.

Inspirada pela mitopoética guarani, a autora compõe versos com nomenclaturas, personagens e ritos da cultura ameríndia. Poemas como “guirá ñandu” – que faz referência aos mitos cosmológicos traduzidos na primeira seção de *Roça Barroca* (2011), e é reproduzido, em parte, abaixo - ressaltam a fragilidade do ser humano em relação ao universo, rememorando o poder de criação e destruição das divindades indígenas e a linha tênue que entre vida e morte.

pode que a noite  
hoje  
se furte a amanhecer  
[...] e outra vez o sol  
como antes  
não desponte  
em busca de outro sol  
pode alguém se perder  
abandonando o humano  
para encontrar seu deus  
- o mesmo que ao nascer  
deu-lhe um nome secreto  
de sua divindade  
perfeito e repleto  
pode que na viagem  
no trajeto disperso  
um homem adivinhe  
a vereda possível  
sem fim, de sol a sol  
até que a fome e a febre  
o êxtase à flor da pele  
[...] transportem o corpo adverso  
e o espírito pulse  
e respire  
e confronte  
o mar que o separa  
da terra indestrutível. (BAPTISTA, 2011: 120)

Josely Vianna Baptista também publicou os livros de poesia *Ar* (1991), *Outro* (em coautoria com Arnaldo Antunes, 2001) e *Sol Sobre Nuvens* (2007). Uma coletânea de seus poemas também foi lançada nos Estados Unidos em versão bilíngue (português e inglês) sob o título de *On the Shining Screen of the Eyelids* (2003), com tradução de Chris Daniels. Em 2009, seu trabalho foi representado em *The Oxford Book of Latin American Poetry* (Nova York, Oxford University Press).

#### **4. Conceito e história do jornalismo ambiental**

Antes de conceituar jornalismo ambiental, é fundamental definir o que será entendido como meio ambiente. Normalmente reduzido a paraísos naturais e à fauna e à flora distante (CRESPO in TRIGUEIRO, 2003), meio ambiente é designado pelo Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais como o “conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles” (LIMA-E-SILVA apud TRIGUEIRO, 2003: 77).

Já ecologia é a “ciência que estuda a dinâmica dos Ecossistemas, ou seja, os processos e as interações de todos os seres vivos entre si e destes com os aspectos morfológicos, químicos e físicos do ambiente, incluindo os aspectos humanos que interferem e interagem com os sistemas naturais do planeta”. A palavra em do grego (oikos) e significa casa. Por isso, pode ser tratada como “o estudo das relações que interligam todos os moradores da Casa Terra” (CAPRA in TRIGUEIRO, 2003: 20).

##### **4.1 O que é jornalismo ambiental?**

A caracterização do jornalismo ambiental, no entanto, é bastante debatida entre profissionais e pesquisadores da área. Para Roberto Villar, um dos fundadores da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), a atividade segue as regras gerais de qualquer especialização do jornalismo. Por isso, as reportagens ambientais precisam ser atrativas, despertar o interesse público, ter linguagem simples e ir além da divulgação alarmante e superficial de desastres ambientais.

Este tipo de reportagem educativa [histórias humanas e bons exemplos] é de grande importância, para mostrar que é possível viver em harmonia com a natureza. No entanto, o jornalismo ambiental não pode se limitar apenas a bons exemplos. O repórter especializado tem que ser também um cão de guarda, e denunciar os desmandos. Uma matéria retrata a realidade. Se a realidade é trágica e catastrófica, a imprensa não pode criar um mundo fictício em nome da educação ambiental no público. Deve procurar, porém, contextualizar o homem dentro da natureza, e sempre apresentar os problemas com as soluções ambientalmente sustentáveis. (VILLAR, 1997: 3)

Além disso, VILLAR propõe que, para produzir uma boa matéria sobre meio ambiente, o jornalista precisa ter uma opinião própria sobre os fatos e assumir que trabalha em favor da atenção às questões ambientais. Tal posicionamento chega, inclusive, a transformar o estilo de vida do próprio profissional. A mesma visão é

defendida por André Trigueiro, um dos jornalistas ambientais mais conhecidos no telejornalismo brasileiro atual.

O jornalismo ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão propalada e discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza, do transporte coletivo, da energia limpa, dos três “erres” do lixo – reduzir, reutilizar e reciclar – e de tudo aquilo que remeta à ideia de um novo modelo de civilização que não seja predatório e suicida, onde o lucro de poucos ameaça a qualidade de vida de muitos e os interesses de consumidores se sobrepõem aos interesses dos cidadãos. (TRIGUEIRO, 2003: 88)

De forma mais pragmática, o jornalismo ambiental pode ser entendido como o processo de produção jornalística comprometido com a temática ambiental e que tem como público-alvo a população leiga (BUENO, 2007). Segundo Victor Bacchetta, jornalista uruguaio e coordenador da Rede de Jornalistas Ambientais da América Latina, a atividade também é multidisciplinar e possui um dever social, que deve ser cumprido com seriedade para não se confundir com militância ambiental.

[...] há de convir que o jornalismo ambiental é um dos gêneros mais amplos e complexos do jornalismo. Para definir o perfil do jornalista ambiental, vamos considerar cinco características fundamentais: 1) é um jornalismo de investigação; 2) é uma das formas do jornalismo científico; 3) é um jornalismo educativo, pedagógico; 4) é consciente de cumprir uma responsabilidade social específica, e 5) deve exercer-se com profissionalismo, objetividade e responsabilidade, sem confundir-se com a militância ecológica. (BACCHETTA, 2002: 1)

Por fim, o jornalismo ambiental pode ser entendido como um braço do jornalismo científico comprometido com a denúncia de problemas e a conscientização dos leitores sobre as questões ambientais, investigando fatos, apurando informações e ouvindo fontes especializadas, sem perder de vista o profissionalismo.

#### **4.2 A trajetória do jornalismo ambiental**

O surgimento do jornalismo ambiental como jornalismo segmentado data de 1968, ano em que foi criada a primeira entidade do ramo, em Paris, durante a Conferência sobre a Biosfera, realizada pela UNESCO. O evento foi o primeiro encontro intergovernamental a propor a tentativa de conciliação entre conservação da natureza e uso dos recursos naturais. No mesmo ano, o jovem repórter Randau Marques, primeiro jornalista a se tornar especialista em meio ambiente, foi preso no Brasil.

Considerado rebelde na época, Marques - que trabalhava num jornal da cidade de Franca, em São Paulo - escreveu matérias sobre a contaminação de gráfitos e sapateiros da região com chumbo e sobre a adequação da utilização do termo “defensivos agrícolas” para nomear agrotóxicos, que causavam a morte de peixes e a intoxicação de trabalhadores no campo (VILLAR, 1997).

Já na década de 1970, o jovem jornalista foi responsável pela cobertura o primeiro escândalo ambiental envolvendo uma grande empresa no Brasil. Na época, ele escrevia para o diário do Grupo Estado, onde publicou denúncias sobre a poluição causada por uma gaúcha de celulose, a Borregard, que ficou fechada por três meses (dezembro de 1973 a março de 1974). A polêmica atraiu as atenções da imprensa de outros estados e países.

Randau cobriu na capital gaúcha a primeira polêmica ambiental envolvendo uma grande indústria. O fechamento da fábrica de celulose Borregaard [...]. A poluição uniu o embrionário, mas aguerrido, movimento ecológico gaúcho. No entanto, não é a imagem de uma chaminé que representa a época. Foi a famosa foto do estudante universitário Carlos Dayrel sentado numa acácia, tirada no dia 25 de fevereiro de 1975. Ele ficou horas em cima da árvore que seria cortada pela Prefeitura para a construção de um viaduto. Os protestos dos ecologistas ganharam ampla cobertura da imprensa, amordaçada pela censura militar (VILLAR, 1997: 4).

Os desastres ambientais e as conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) contribuíram para a consolidação do meio ambiente como questão de destaque (ainda que não na dimensão necessária) nas discussões de governo e na mídia. Especialmente após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, em Estocolmo, no ano de 1972, a necessidade de melhorar a relação entre homem e meio ambiente passou a figurar com mais frequência os jornais mundiais. (SILVA, 2005).

Mas foi a partir da década seguinte que o meio ambiente teve seu *boom* na imprensa internacional. A descoberta do buraco na camada de ozônio e a preocupação com o impacto da atividade humana sobre o aquecimento global levaram o as questões ambientais (principalmente os desastres ecológicos) a se tornarem assunto impossível de ser ignorado pela mídia dos países do Norte. No Brasil, as atenções se voltaram para o desmatamento da floresta amazônica (VILLAR, 1997).



Em 1987, a Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD)<sup>8</sup> produziu um relatório sobre a situação do meio ambiente no âmbito mundial. No documento, chamado *Nosso Futuro Comum* ou *Relatório Brundtland*, foi oficializado o conceito de desenvolvimento sustentável – como o desenvolvimento capaz de “atender às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras atenderem às suas próprias necessidades<sup>9</sup>” (CCMAD apud CAPRA in TRIGUEIRO, 2003: 19).

Já em agosto de 1989, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e a Associação Nacional de Jornais realizaram, em São Paulo, o Seminário A Imprensa e a o Planeta. Meses depois, aconteceu em Brasília o encontro mais importante para o jornalismo ambiental do Brasil, o Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, organizado pela Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) e do qual participaram profissionais de renome.

A partir do seminário da Fenaj em Brasília, em 1989, formaram-se núcleos regionais de jornalismo ambiental em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, com o objetivo de criar uma entidade nacional de jornalismo ambiental. No entanto, sobrou apenas o grupo gaúcho. O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (Nejrs) nasceu dentro do movimento ambientalista, no dia 22 de junho de 1990, num debate com o presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, filósofo Celso Marques, e o presidente da União Protetora do Ambiente Natural, jornalista Carlos Aveline (VILLAR, 1997: 5).

Em nível internacional, foi criada, em 1990, nos Estados Unidos, a *Society of Environmental Journalists (SEJ)*. Fundada por pouco mais de 10 repórteres premiados, a entidade tem hoje mais 1.400 jornalistas associados e se dedica a aprimorar o nível de qualidade, a exatidão e o valor dado às reportagens ambientais. A SEJ promove encontros anuais por todo o país e, no próximo ano, realizará em evento especial em comemoração aos seus 25 anos.

Dois anos depois, com a realização da Eco-92, no Rio de Janeiro, outras entidades de jornalismo ambiental surgiram no Brasil e no mundo. A amplitude do evento e a presença de um grande contingente de chefes de estado internacionais atrairia a atenção total da mídia brasileira sobre as pautas ambientais, tornando-se um marco na história do jornalismo ambiental do país.

---

<sup>8</sup> Comissão criada pela ONU no início da década de 1980.

<sup>9</sup> Conceito criado por Lester Brown, também na década de 1980, para definir sustentabilidade e utilizado também para definir desenvolvimento sustentável (CAPRA in TRIGUEIRO, 2003).

### 4.3 Eco-92: o meio ambiente no foco da mídia

Em junho de 1992, aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) – também chamada de ECO-92, Rio 92 ou Cimeira –, que reuniu mais de 100 chefes de estados do mundo inteiro. Organizado pela ONU, o evento teve como objetivo “moldar um consenso em torno de valores essenciais ao desenvolvimento” (SILVA, 2005: 30).

A preparação para a ECO-92 movimentou a mídia brasileira e mundial, bem como criou grande expectativa em relação a avanços para o ambientalismo<sup>10</sup> no Brasil. Pela primeira vez, realizava-se uma conferência de tamanha proporção com foco no desenvolvimento sustentável e com presença de líderes dos países mais influentes do planeta.

O processo de preparação da Rio-92 começa a afetar de modo cada vez mais intenso os diversos setores do ambientalismo. Esta influência, cujo principal vetor é a necessidade de pensar as relações entre desenvolvimento econômico e proteção ambiental, entende-se para além do ambientalismo multissetorial, abalando a sociedade e Estado brasileiros de um modo geral (VIOLA & LEIS, 1992: 1).

Entre os vários compromissos e tratados assinados na Rio-92, está a famosa Carta da Terra, aprovada por mais de 1300 entidades não governamentais atuantes em mais 108 países no Fórum Global - programação da ECO-92 que mais atraiu a atenção da mídia e reuniu mais de 2500 entidades representativas da sociedade civil de todo o mundo – e a Agenda 21, documento consensual redigido por representantes de governos e instituições da sociedade civil de 179 países (SILVA, 2005).

Os dois documentos tinham como objetivo comum nortear uma nova relação entre os países para a criação de uma sociedade global mais justa, sustentável e pacífica, mas nenhum dos dois foi cumprido da forma prevista. Sendo assim o legado mais significativo deixado pela ECO-92 foi a fixação do meio ambiente como assunto a ser recorrentemente debatidos no âmbito governamental e social, e insistentemente abordado no jornalismo.

Sintetizando os resultados da Rio-92, pode-se dizer que houve simultaneamente um avanço extraordinário no plano simbólico e de conscientização – o “espírito do Rio” de que fala Strong, com a sustentabilidade ambiental tendo adquirido um peso extraordinário como princípio de legitimidade do mundo contemporâneo. Também houve um

---

<sup>10</sup> Classificado por VIOLA & LEIS (1992) como ambientalismo multissetorial, a partir da reunião dos oito principais setores que, segundo eles, constituem do ambientalismo: stricto sensu; governamental; sócio-ambientalismo; dos cientistas; empresarial; dos políticos profissionais; religioso; e dos educadores.

fracasso no plano político-econômico – refletido na incapacidade de construir-se marcos de referências, mecanismos de implementação e instituições correspondentes à nova consciência e legitimidade. Por quanto tempo este fosso entre a consciência e o comportamento efetivo das sociedades e os indivíduos poderá manter-se? Provavelmente, não muito. O drama é que esse pouco tempo em termos de história humana pode ser excessivo em termos do equilíbrio e da resistência da biosfera (VIOLA & LEIS, 1992: 3).

Segundo André Trigueiro, a conferência também legitimou um dos mais importantes princípios do jornalismo ambiental: perceber a realidade de forma mais ampla, privilegiando a qualidade de vida no e do planeta. Mais de nove mil jornalistas foram credenciados para cobrir o maior evento sobre meio ambiente da história e os jornais precisaram rapidamente criar cadernos especiais e editorias específicas para atender à demanda das pautas ambientais.

No entanto, o amplo destaque conquistado não resistiu ao fim do “espetáculo” ECO-92. Passadas as duas semanas do megaevento, o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello tomou conta dos noticiários e colaborou para o esfriamento da atenção dada ao meio ambiente e a realocação das reportagens ambientais para editorias de ciências – onde se encaixam perfeitamente, mas não são tema único.

Isso não deve ser entendido como um retrocesso, à medida que mais importante do que o arranjo burocrático de cada redação para a cobertura das notícias de meio ambiente é a sensibilidade de quem define a linha editorial estabelecendo a ordem de grandeza desses assuntos no noticiário, não importa por qual editoria. Assim, mesmo sem a megaestrutura criada durante a Rio-92, as mídias impressa e eletrônica aumentaram consideravelmente os espaços consagrados aos assuntos de meio ambiente. Desde então, uma nova geração de jornalistas encontrou um mercado mais arejado e menos preconceituoso em relação aos assuntos ambientais (TRIGUEIRO, 2003: 82).

Ainda que não tenha alcançado a notoriedade permanente que gostaria, o jornalismo ambiental no mundo e, principalmente, no Brasil não voltou a ser mais o mesmo depois de junho de 1992. As questões ambientais passaram a preocupar a sociedade - em especial no que diz respeito a grandiosas previsões - e a chamar a atenção de governos e empresas, que passaram a ser cobrados pela população a adotarem posturas mais sustentáveis.

A comunidade internacional deu passos decisivos para o que hoje poderia ser chamado de globalização dos problemas ambientais, quando há quase oito anos, as atenções do mundo se voltaram para o Rio, onde acontecia a Conferência da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92. A partir daí, a imprensa começou a noticiar mais sobre meio ambiente. De lá para cá, reportagens e artigos sobre os mais variados assuntos dentro da pauta ambiental vêm sendo publicados e veiculados nas diversas mídias. O meio ambiente é objeto de investigação

constante desde então. Hoje, não existe um jornal, seja ele impresso ou eletrônico, que se recuse a noticiar algum acontecimento da esfera ambiental. O meio ambiente é importante demais para que a mídia o ignore. (LIMA, 1999: 1)

Logo depois do evento, surgiram organizações de jornalismo ambiental fundamentais para articulação dos profissionais da área. Os principais exemplos são a Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente (IFEJ), fundada na Alemanha, em 1993, e responsável pela criação do Código de Ética para Jornalistas Ambientais, e a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), que desde 1998 tem o objetivo de integrar comunicadores da área ambiental de todo o país (TRIGUEIRO, 2003).

Também sob grande divulgação na mídia, a Rio+20, mais recente continuidade da Eco-92, aconteceu em 2012 na capital fluminense para reforçar os objetivos de melhorar a relação da sociedade mundial com o meio ambiente. No entanto, o evento mostrou que as metas estabelecidas duas décadas antes ainda estavam longe de serem alcançadas. Continuamos consumindo mais dos recursos naturais do que o planeta pode repor e vendo como um sonho distante o tão almejado desenvolvimento sustentável.

Ainda que também tenha recebido mais de 100 chefes de estado de todo o mundo e gerado uma repercussão de 160 mil matérias de cobertura, a Rio+20 teve apenas quatro mil jornalistas credenciados para acompanhar a programação. A redução de cinco mil profissionais presentes denota o quão marcante foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992 para o jornalismo ambiental.

Contudo, apesar do impacto que o jornalismo tem no aumento da consciência ambiental do público leigo (LIMA, 1999), o número de publicações específicas sobre meio ambiente pós ECO-92 ainda é irrisório. Os profissionais que escolhem se dedicar exclusivamente ao tema normalmente precisam procurar a mídia alternativa. No Brasil, existem hoje pouco mais 30 veículos especializados em meio ambiente<sup>11</sup>, entre sites e publicações impressas - que somadas têm cerca de 1,5 milhões de exemplares por mês<sup>12</sup>.

Além da mídia alternativa, o jornalismo ambiental também encontra espaço para uma abordagem mais profunda em veículos especializados em ciências. Por isso, no capítulo seguinte, que tem como objetivo fazer uma análise ecocrítica de reportagens

---

<sup>11</sup> Relação de veículos sobre meio ambiente disponível na página da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA).

<sup>12</sup> Dados apresentados em TRIGUEIRO (2003).

ambientais, serão analisadas as matérias sobre meio ambiente de três edições das revistas *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante*.

Referências no jornalismo científico, as publicações também têm como princípio editorial a valorização de pautas sobre ecologia, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. A partir desses recortes, analisarei a profundidade dos textos e a proximidade estabelecida pelos jornalistas entre nós, seres humanos como indivíduos e sociedade, e a natureza.

## 5. Análise ecocrítica de reportagens sobre meio ambiente

O conceito de ecocrítica surgiu para analisar a relação entre homem e natureza na literatura. Apesar de recente entre os estudos acadêmicos brasileiros, a poesia contemporânea do Brasil possui escritores já considerados internacionalmente como referências da produção poética voltada para uma nova conscientização ambiental, como os autores estudados nos capítulos anteriores deste trabalho.

Neste último capítulo, farei uma análise ecocrítica da forma como o jornalismo ambiental trabalha as questões que envolvem o meio ambiente e o papel do homem em relação a elas. Os jornalistas se preocupam em colocar o homem como parte da natureza? Fica claro como afetamos e somos afetados pelo meio ambiente? Existe alguma menção à origem do pensamento ocidental que vê o ser humano como parte independente do universo? Culturas que se relacionam com o meio ambiente de outra maneira são citadas? A natureza não humana é colocada como entidade que existe por si só?

Para este trabalho, foram escolhidos os números de fevereiro, março e abril de 2014 das revistas *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante* – publicações impressas sobre jornalismo científico de maior circulação no Brasil.

### 5.1 *Ciência Hoje*

A revista *Ciência Hoje* foi criada em 1982 vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Mais antiga publicação especializada em jornalismo científico em circulação no Brasil, a revista é mensal, possui 64 páginas por edição e circulação nacional. Tem como missão aproximar a ciência do grande público e valorizar a importância da formação de cientistas comunicadores e de profissionais especializados em jornalismo científico.

Atualmente, é gerida pelo Instituto Ciência Hoje (ICH), sociedade civil sem fins lucrativos criada em 2003, que também publica a versão infantil *Ciência Hoje da Criança*. Em relação ao conteúdo, a revista prioriza as novidades da produção científica de universidades e institutos de pesquisa nacionais e avanços na ciência internacional. Cada edição divulga tanto artigos escritos por pesquisadores, quanto reportagens feitas por jornalistas especializados, além de resenhas, entrevistas e textos de opinião.

### **5.1.1 Edição 311 (fev/2014): Promíscuas ou liberais? Vida sexual das plantas é diversificada e intensa**

Na primeira edição do ano de 2014, a revista *Ciência Hoje* (CH) traz na capa a chamada “Promíscuas ou liberais? Vida sexual das plantas é diversificada e intensa” para a grande reportagem ambiental intitulada “A intensa vida sexual das plantas”. Já na carta para o leitor, na primeira página da publicação, a redação ressalta as curiosidades e variações das relações sexuais entre os vegetais, muito mais livres do que modelo monogâmico predominante na sociedade humana ocidental.

Algumas só cruzam consigo mesmas, outras preferem encontros casuais distantes e muitas optam simultaneamente por vários de seus vizinhos. Há ainda as celibatárias e as que mudam de sexo durante a vida. A vida sexual das plantas parece aos nossos olhos escandalosamente liberal. E, se fizéssemos um filme sobre elas, seria sem dúvidas proibido para menores (REDAÇÃO, 2014: 3).

A reportagem é escrita por Carlos Alberto Fonseca, professor do Departamento de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e colunista da CH. Coincidentemente, o tema da matéria é, salvas as devidas diferenças, o mesmo da obra de Sérgio Medeiros, *Sexo Vegetal* (2009): as relações sexuais entre plantas. Apesar do viés científico, o texto se encaixa na categoria de meio ambiente por pautar uma característica da natureza selvagem pouco conhecida pelo homem.

O objetivo do texto é justamente desconstruir a “visão ingênua”, como diz o próprio autor, sobre a reprodução vegetal. Aliás, o ponto mais interessante da reportagem é justamente o fato de o foco não ser a reprodução, mas o sexo entre as plantas. Ainda que não sejamos capazes de perceber, as disputas por parceiros não são exclusividades do reino animal e também constituem uma parte agitada da vida dos vegetais.

Quando chega a estação reprodutiva de determinada espécie de árvore, há um conflito aberto por sucesso reprodutivo. Alguns indivíduos, porque são maiores, mais vigorosos e com adaptações que favorecem seu sucesso reprodutivo, conseguirão aumentar a frequência de seus genes na próxima geração. Os menos favorecidos tenderão a ser eliminados pela seleção sexual. Ou seja, a ‘guerra do sexo’ é intensa mesmo entre espécies que não se movem e não têm um comportamento evidente, com as plantas (FONSECA, 2014: 40).

Com linguagem simples, mas explicação bastante detalhada, o texto chama a atenção para a prepotência do ser humano de se considerar conhecedor nato da natureza e dono de comportamentos únicos. A capacidade de escolha do companheiro sexual

também existe no reino vegetal e não é limitada a fatores simplistas como o pertencimento a uma mesma espécie ou a proximidade geográfica.

Outro mecanismo de escolha pelas fêmeas é o aborto diferencial. Como são fecundados mais óvulos do que planta tem condição de transformar em sementes, e produzidas mais flores do que ela pode transformar em frutos, muitas vezes o fluxo de nutrientes é cortado para muitas dessas estruturas, causando abortos. Recentemente, descobriu-se que óvulos fecundados por certos machos sofrem menos abortos do que outros, em clara evidência de escolha pela fêmea (FONSECA, 2014: 42).

Outra reportagem marcante da edição é a “No silêncio dos mares: substância altamente tóxica é usada de forma ilegal na costa brasileira”. Escrito pelo jornalista Henrique Kugler, o texto traz uma denúncia sobre os efeitos nocivos que as tintas anti-incrustantes, usadas na pintura de navios, exercem sobre a fauna marinha. O produto impede que mariscos grudem no casco das embarcações e atrasem as viagens, já que os inusitados passageiros aumentam o atrito entre a superfície metálica e a água.

Imensidão ora plácida, ora feroz. Assim foram vistos os oceanos da Terra por homens de todas as épocas e todas as latitudes. Mas o azul dos mares revelaria algo mais que profundezas insólitas ou limites desconhecidos. A partir da década de 1980, cientistas de diversos países notaram que a fauna marinha dava alertas inequívocos: malformações de origem genética em mexilhões; distúrbios hormonais graves em ostras; estranhezas as mais variadas em lulas, polvos e moluscos de diferentes espécies. O que estaria por trás dessas aberrações? Aos quadros de poluição generalizada a que a civilização subjuga seus mares, somava-se o uso, na navegação, de uma das substâncias mais tóxicas já sintetizadas pelo ser humano: o TBT. Apesar de banido em mais de 170 países, ainda é usado nas águas do litoral brasileiro (KUGLER, 2014: 33).

Em todo o texto, o jornalista destaca a influência severa e até irreversível que hábitos da civilização humana podem causar na natureza. Por que nem todos os países proíbem o uso do TBT? No caso do Brasil, a tinta tóxica é proibida, mas a comercialização do TBT é permitida e acaba alimentando, sem grande empecilho fiscal, a produção ilegal da pintura. Sem pensar nos efeitos ambientais, empresas e líderes de governo colocam os interesses comerciais em primeiro lugar.

Restaria, então, aos ambientalistas e, principalmente, à mídia alertar a sociedade civil sobre o quadro alarmante. Mas, como aponta Kugler, além de publicações especializadas em meio ambiente, poucos são os veículos que abordam as mutações de mariscos causadas pela substância. Crítico, ele questiona a “seleção” feita pela grande mídia pelos temas ambientais que afetam animais, plantas ou biomas mais “apelativos” ao público ou que causem maior comoção e identificação.



Das infindáveis problemáticas ambientais contemporâneas, a questão das tintas anti-incrustantes provavelmente é novidade para o leitor. Dada a gravidade do tema – contaminação química dos oceanos, da vida marinha e do ser humano –, não deveria ele estar na agenda de discussões públicas do país? A imprensa tem dado pouco ou nenhum espaço à questão. “Talvez porque moluscos não tenham o apelo popular que têm os carismáticos golfinhos e as graciosas baleias, por exemplo”, considera Ítalo Castro. (KUGLER, 2014: 35)

Ainda que os seres mais afetados pelo problema atualmente sejam os pequenos animais da fauna marinha, o texto lembra que se trata de um quadro amplo. Partindo de uma visão antropocêntrica, o jornalista procura atingir o leitor pelo princípio do “mas e eu com isso”. Mesmo evidenciando que o problema já é grave, a matéria faz a ressalva de que “o mais temível dos quadros – que tais contaminantes cheguem ao ser humano” é questão de tempo.

Os bichos mais afetados – não só pelo TBT, mas por organoestênicos em geral – são os gastrópodes, bivalves e cefalópodes. Caramujos, ostras, mexilhões, lulas e polvos são alguns exemplos [...]. E quanto ao homem? “Amostras de fígado, rim, coração e estômago já revelaram a presença dessa substância no ser humano também; provavelmente devido ao consumo de frutos do mar”, preocupa-se Magela. É o que biólogos chamam de biomagnificação. Substâncias presentes em níveis mais baixos da cadeia alimentar são eventualmente transmitidas em níveis mais elevados – do mexilhão ao ser humano, por exemplo, é apenas um passo. Pois nos alimentamos desses animais (KUGLER, 2014: 34).

Também sobre poluição em alto mar, a edição traz a notícia “Limpeza minuciosa: remoção de compostos que alteram sistemas hormonais presentes no esgoto pode ser mais eficiente”, da jornalista Fernanda Távora. A matéria é uma denúncia sobre a presença de desreguladores endócrinos no esgoto doméstico que é despejado sem tratamento ou cuidado adequado nos rios e mares do Brasil. Essas substâncias são encontradas em produtos de higiene pessoal, como sabonetes, para gerar o efeito de esfoliação na pele.

Segundo Távora, quando presentes em grande concentração na água, os desreguladores podem causar anomalias reprodutivas em peixes e anfíbios. Para o ser humano, o risco é de má formação nos órgãos sexuais e de uma possível relação com cânceres nessas regiões do corpo de homens e mulheres. Apesar das informações impactantes, a matéria causa certa revolta mesmo por trazer à tona o descaso vergonhoso que ainda temos com uma questão básica de saúde pública e meio ambiente: o esgotamento sanitário.

No Brasil, a situação é ainda mais grave porque, de todo o esgoto doméstico gerado no país, apenas 37,5% passaram (dados de 2011) por algum tipo de tratamento [...]. Essa deficiência aumenta os gastos hospitalares com diarreias, em especial envolvendo crianças, e facilita a contaminação de solos, rios e outros corpos d'água por organismos causadores de doenças e por várias substâncias nocivas, entre elas os desreguladores. (TÁVORA, 2014: 50)

Após explicar a questão e seus efeitos, a jornalista se dedica a enunciar e valorizar as pesquisas acadêmicas em desenvolvimento no país sobre o despejo de esgoto contaminado por desreguladores na natureza. Ainda que pouco numerosos, esses estudos já mostram possibilidades de solução. Os métodos tradicionais utilizados em estações de tratamento não são suficientes para eliminar as substâncias, mas, se combinados com outras técnicas, conseguem um resultado satisfatório.

Outra notícia que se destaca é de autoria da jornalista Francielle Petry Schramm: “Patrimônio em Risco: ação humana ameaça importante sambaqui<sup>13</sup> do Sul do Brasil”. Ela chama a atenção para a falta de fiscalização no sítio arqueológico do Guaraçu (Paraná) e a ação irresponsável de moradores e turistas que visitam o local sem qualquer restrição ou acompanhamento. Também caracterizado como área de conservação ambiental, o sambaqui corre risco de desaparecer pelas mãos do homem.

No entanto, por conta da falta de consciência da população, aliada à ausência de fiscalização, o sítio está sob ameaça. Se antes havia exploração industrial, hoje o problema é a invasão na área, apenas das placas de acesso restrito. “Sinais de vandalismo são evidentes”, afirma Marcos Gernet, da Universidade Federal do Paraná [...]. Segundo Gernet, um exemplo é a ausência e cobertura vegetal em algumas trilhas, que indica o constante trânsito de pessoas: “a vegetação ajuda a manter o sítio coeso e, sem ela, o risco de erosão aumenta, já que as chuvas são frequentes ali”. (SCHRAMM, 2014: 45)

O comportamento inadequado das pessoas que passeiam pelo local também é preocupante. “Outro prejuízo é a retirada da material do sambaqui. Levianamente, visitantes levam para casa conchas, machadinhas, pontas de flecha, machadinhas, pontas de flecha e outros achados, o que compromete a riqueza do sítio” (SCHRAMM, 2014: 45). A falta de conscientização ambiental dos próprios moradores da região quanto ao impacto causado dessas atitudes transforma aqueles que poderiam ser protetores em ameaça.

Também na linha de valorização de pesquisas acadêmicas e científicas, parte da seção não assinada “Em Dia” reúne pequenas matérias sobre inovações tecnológicas.

---

<sup>13</sup> Elevação de terra feita com conchas pelos povos sambaquieiros em tempos remotos e utilizados como habitação ou local de rituais fúnebres (SCHRAMM, 2014).

Duas delas são relacionadas a temas fundamentais para o meio ambiente: energia e biodiversidade. Na primeira, “Muito além do churrasco”, a redação relata, brevemente, o projeto de pesquisadores brasileiros capaz de controlar a fumaça gerada na produção de carvão vegetal, processo altamente poluente que pode se tornar sustentável.

Tradicionalmente, quase metade da energia dissipada na produção de carvão vegetal é desperdiçada – e a fumaça emitida à atmosfera, que pode ter mais de 200 compostos químicos poluentes. Essa fumaça é resultado da queima da madeira bruta, matéria-prima para o carvão. Essas emissões, no entanto, podem ser controladas. [...] pesquisadores da Universidade de Viçosa (UFV) desenvolveram e implementaram a nova refinaria ecológica. Ela fica no município de Divinésia (MG) e já funciona a todo vapor. ‘Controlamos praticamente 100% da poluição emitida na produção de carvão vegetal’, comemora o engenheiro florestal Daniel Barcellos, responsável pela ideia. Pode parecer estranho, mas isso é feito por meio de um processo termoquímico que se baseia na incineração da própria fumaça (MUITO ..., 2014: 54).

Mais do que evitar a contaminação do ar, o projeto incentiva e se preocupa em utilizar madeira de reflorestamento, já que o desmatamento era outra consequência da produção irresponsável de carvão. O texto ainda avisa o leitor de que, por enquanto, o produto sustentável fabricado pela usina não poderá servir para o uso doméstico. A produção é atualmente toda destinada ao abastecimento de siderúrgicas para gerar energia limpa.

Já a notícia “Dilemas da conservação” esclarece, rapidamente, se é mais interessante manter uma grande área de preservação ambiental ou fragmentá-la em pequenas partes - dúvida que vem assombrando ambientalistas por décadas. As respostas, que parecem simples, são baseadas no banco de dados construído pelo Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF) (DILEMAS..., 2014). A questão exige ações adequadas aos intuitos da criação dessas unidades.

“Não existe tamanho mínimo crítico para um ecossistema”, explica Camargo<sup>14</sup>. “Depende do que se estuda: para uma onça, o tamanho da área é um; e para um besouro, outro.” Um dos principais efeitos da fragmentação é a perda de espécies de aves e a morte das grandes árvores. Em florestas tropicais, cerca de 3% das árvores morrem anualmente; mas, se a área for fragmentada, essa porção pode saltar para 30%, diz Camargo. Segundo ele, entretanto, várias pequenas áreas de preservação podem até ser benéficas em alguns casos – pois, dependendo da localização, podem manter a heterogeneidade biológica de certa região. Mas, em geral, é melhor que se preserve uma área extensa – para manter os processos naturais do ecossistema em questão. (DILEMAS..., 2014: 55)

---

<sup>14</sup> José Luís Camargo, ecólogo e coordenador do PDBFF, criado em 1979.

### 5.1.2 Edição 312 (mar/2014): Mais e mais: até onde a tecnologia deve intervir no esporte?

A edição de março de 2014 da CH divulgou poucos textos jornalísticos sobre meio ambiente. Apenas duas matérias se enquadram na área ambiental e abordam: estudos realizados sobre o comportamento de animais e plantas, urbanização e interferência humana na natureza. A primeira delas é uma longa e explicativa matéria escrita pelos pesquisadores Jhonathan de Oliveira Silva<sup>15</sup>, Mário Marcos do Espírito Santo<sup>16</sup>, Karla Nunes Oliveira<sup>17</sup> e Frederico de Siqueira Neves<sup>18</sup>.

Com o título “Fugir ou Lutar? – Estratégias das plantas contra insetos herbívoros em matas secas”, a reportagem relata a relação entre os vegetais e insetos nas chamadas matas secas – florestas caracterizadas pela ausência quase completa de folhas durante as estações de estiagem (SILVA et al., 2014). Sem qualquer menção à presença humana, a floresta é mostrada como um sistema de vida único, independente e perfeitamente funcional.

Embora apresentem aspecto que alguns consideram ‘feio’, semelhante a uma floresta morta e sem habitantes aparentes nos períodos secos do ano, as matas secas abrigam uma fauna bastante diversificada, que inclui invertebrados e vertebrados. Entre os primeiros, destacam-se os insetos herbívoros (ou seja, que se alimentam de tecido vegetal), tanto em riqueza de espécies quanto em abundância de indivíduos. Na estação seca, quando as folhas caem, os insetos são encontrados em fase latência, na qual ficam em dormência, retomando as atividades quando as condições favoráveis retornam [...]. Com as primeiras chuvas, a vida parece ‘brotar da lama’ – uma alusão aos insetos que emergem de ovos ou pupas presentes no solo. (SILVA et al., 2014: 17)

O texto se dedica inteiramente a descrever as peculiaridades das estratégias das árvores da mata seca para escapar dos insetos predadores e a maneira curiosa como a vida parece estar em suspenso nessa área durante o período de estiagem. As informações são resultados de pesquisas feitas pelos autores em matas secas de Minas Gerais e trazem um novo olhar do público sobre os demais tipos de florestas existentes no Brasil, além da característica Florestal Tropical Amazônica e da quase desaparecida Mata Atlântica.

Algumas páginas depois, a edição dedica uma página à matéria sobre climatologia: “Mais prédios, mais raios: estudo pioneiro em Manaus mostra relação entre descargas atmosféricas e urbanização”, do repórter Gabriel Toscano. A partir de

---

<sup>15</sup> Departamento de Ecologia – Universidade de Brasília

<sup>16</sup> Departamento de Biologia Geral – Universidade Estadual de Montes Claros/MG

<sup>17</sup> Departamento de Biologia Geral – Universidade Federal de Viçosa

<sup>18</sup> Departamento de Biologia Geral – Universidade Federal de Minas Gerais

dados coletados pelo Grupo de Eletricidade Atmosférica (Elat), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) em cidades brasileiras, Toscano esclarece que a quantidade de tempestades aumentou drasticamente no Brasil e nos últimos anos.

Ao analisar dados sobre tempestades de 14 cidades brasileiras, todas com mais de 500 mil habitantes atualmente, o Elat observou que, entre 1910 e 2010, o número de dias com ocorrência de tempestades aumentou acompanhando a urbanização. A média, que na primeira metade do século 20 era de 43 dias com tempestade por ano, alcança hoje a marca de 77 dias. (TOSCANO, 2014: 41)

A aglomeração de pessoas e o crescimento rápido dos centros urbanos influenciam diretamente no aquecimento global e em seus efeitos. Nem mesmo a proximidade com uma grande área verde, como é o caso de Manaus, é suficiente para neutralizar os efeitos climáticos das ilhas de calor produzidas pelas cidades. O estilo de vida e organização do homem nas áreas urbanas, além de não ser saudável para a própria humanidade, prejudica gravemente a vida no planeta.

Para conferir esses resultados [destacados na citação anterior] em uma situação sem interferência de outros fatores além da urbanização, os pesquisadores do Elat decidiram realizar um estudo que relacionasse a quantidade de raios (evidência de tempestades) e o crescimento urbano em uma grande cidade cercada de floresta. A escolhida foi Manaus. Além de a cidade estar situada no meio da maior florestal tropical do mundo, a incidência de raios na região é uma das maiores em todo o planeta. [...] A surpresa ficou por conta da hipótese de que a floresta amazônica inibiria o efeito da urbanização. O processo, porém, se mostra poderoso e deixa especialistas [...] preocupados com o futuro. (TOSCANO, 2014: 41)

### **5.1.3 Edição 313 (abr/2014): Cheios de lixo: ambientes costeiros e marinhos sob ameaça**

Em março de 2014, a *Ciência Hoje* estampou em sua capa a ameaça que o lixo produzido por nós representa para os mares. Escrito por Andréa de Lima Oliveira, Flávia Cabral Pereira e Alexander Turra (todos do Laboratório de Manejo, Ecologia e Conservação Marinha do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo), o texto “Lixo nos mares: o papel da gestão de resíduos sólidos na conservação marinha” foge do roteiro sensacionalista ao abordar um assunto já bastante conhecido pelos leitores.

O objetivo da matéria não é alarmar o público, ainda que a situação seja grave, mas contextualizar o problema e mostrar o que tem sido feito para resolvê-lo. Os autores retomam a história dos primeiros estudos sobre o lixo marinho e explicam que a nomenclatura se refere aos resíduos sólidos, que, ao contrário dos orgânicos, não se

dissolvem ou viram alimento para animais. Esse lixo que se acumula no oceano aberto evidencia o quão não sustentável é a nossa atual forma de vida e consumo.

Os oceanos sofrem os efeitos da atividade humana há milênios. Dejetos e resíduos orgânicos e inorgânicos gerados por essas atividades são levados para o mar por ventos, chuvas e rios, ou despejados diretamente ali. Os oceanos suportam toda essa sobrecarga? A resposta vem de estudos científicos que constata sérios danos aos ecossistemas oceânicos: o lixo marinho, portanto, já é um grave problema ambiental (OLIVEIRA et al., 2014: 22).

A matéria é longa e perpassa as conferências internacionais já realizadas pela ONU sobre o lixo marinho e a gestão de resíduos sólidos. Otimistas, mas cuidadosos, os autores mostram que muitos países já se comprometeram a tomar medidas preventivas e reparadoras em relação à poluição sólida dos mares. Mais do que retirar a poluição sólida que já está no mar, é fundamental eliminar o despejo de lixo no oceano. Nesse quesito, a conscientização da população entra como fator chave.

A segunda proposta, como não poderia deixar de ser, é ligada à educação ambiental, e aponta a necessidade da promoção de campanhas educativas e de sensibilização, nos meios de comunicação, sobre as consequências da disposição incorreta do lixo, com ênfase no ambiente marinho e nos danos causados às populações humanas (OLIVEIRA et al., 2014: 25).

Trazendo a questão para o Brasil, a reportagem explica que temos um número muito grande de cidades e, conseqüente, populações nas regiões costeiras do país. O resultado é a produção de uma quantidade de lixo que, se não for descartado de maneira adequada, vai parar nos mares levado pela chuva, pelos rios ou pelo vento. Os poluentes sólidos chegam ao mar por vários caminhos, e todos eles são evitáveis. Cabe aos governos, principalmente de nível municipal, se responsabilizar pela limpeza e fiscalização do descarte do nosso lixo e à população cobrar e participar das decisões que interferem na questão.

A matéria é uma recuperação histórica e contextual para a reportagem que vem logo em seguida na publicação: “O que temos a ver com isso? Resíduos em praias e ambientes costeiros”, escrita por Maria Christina B. de Araújo<sup>19</sup> e Jacqueline S. Silva-Cavalcanti<sup>20</sup>.

No texto, o ponto principal é a maneira como os resíduos sólidos são levados das regiões costeiras para os mares e como o lixo representa riscos ainda maiores do que a morte de grandes animais (como tartarugas marinhas e albatrozes). Os resíduos sólidos

---

<sup>19</sup> Departamento de Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>20</sup> Departamento de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco

como o plástico não se degradam naturalmente na natureza e vão se quebrando em partículas minúsculas quase imperceptíveis à visão humana e podem ser confundidas com ovas de peixes, por exemplo, por animais que se alimentam delas.

Embora a presença do lixo já seja evidente nos ambientes costeiros e no mar, o que se percebe provavelmente é apenas a ‘ponta do *iceberg*’. Um volume imenso de fragmentos ou itens muito pequenos está disperso e ‘invisível’ – ou está enterrado sob sedimentos (areia ou lodo), ou sua visualização é dificultada pelo tamanho (ARAÚJO et al., 2014: 27).

Mais uma vez, a educação ambiental é destacada como resposta para a dúvida de como acabar com a poluição permanentemente. Por mais que muito lixo chegue ao oceano pelo esgoto ou pelo vento que o traz de lixões irregulares, muitos resíduos também têm origem na irresponsabilidade dos frequentadores das praias. É comum ver famílias desfrutarem de um dia de sol com um banho de mar e irem embora ao fim da tarde deixando na areia as embalagens e sacolas dos alimentos que consumiram.

Somente com a mudança nos hábitos e comportamentos humanos será possível lidar de forma eficiente com a questão da poluição. Para obter isso, são necessárias campanhas de educação e conscientização pública. Essa estratégia é essencial para a proteção ambiental, por encorajar as pessoas a mudar suas atitudes – por exemplo, escolhendo produtos e embalagens com maior capacidade de degradação ou que não agridam o meio ambiente, reduzindo a geração de resíduos (por meio de práticas de reciclagem) ou apenas acondicionando-os de modo apropriado, o que evitaria sua dispersão nos ambientes. Só esses esforços poderão, em longo prazo, reduzir os impactos causados pelo lixo nos ambientes naturais (ARAÚJO et al., 2014: 29).

Para garantir que o público entenda a seriedade do problema e os efeitos que o lixo marinho causa, os autores explicam que os prejuízos não são apenas ambientais, mas também culturais e econômicos. As visitas às praias fazem parte da rotina dos moradores das cidades costeiras e são também o programa favorito da maior parte dos turistas. Os autores se apegam ao fator econômico para mostrar como nós somos afetados por nossas próprias atitudes de degradação contra o meio ambiente.

A presença de lixo nos ambientes naturais está intimamente ligada a questões como saúde pública, conservação ambiental e desenvolvimento sustentável, e tem potencial para causar sérios prejuízos econômicos, sociais e ambientais. No caso dos ambientes costeiro e marinho, esses prejuízos incluem gastos para a limpeza das praias por órgãos públicos (verba que poderia ser destinada a outras finalidades), perdas do potencial estético e turístico do local, contaminação da areia por organismos que causam doenças e danos a espécies marinhas (ARAÚJO et al., 2014: 27).

Ao final da matéria, os colunistas criticam a superficialidade com que a grande mídia trata temas como o lixo marinho. Além dos já conhecidos episódios de morte de tartarugas por ingestão de plástico e de golfinhos por emaranhamento em restos de redes de pesca (que, obviamente, são alarmantes e tristes), outros animais, assim com outras regiões costeiras além das praias, sofrem com a poluição das águas do mar.

Ainda sobre as ameaças à biodiversidade marinha, a reportagem “Embate Econômico e Ambiental: Ilha do Arvoredo, uma das duas únicas reservas biológicas marinhas do Brasil, pode ter seu *status* de conservação alterado”, da jornalista Franciele Petry Schramm, noticia o projeto de lei criado pelos deputados federais catarinenses Esperidão Amin (PP) e Rogério Mendonça (PMDB) para transformar a reserva biológica marinha (Rebiomar) de Ilha do Arvoredo em parque nacional.

A reserva, formada por um conjunto de ilhas, fica ao norte de Florianópolis (SC) e apenas moradores e pesquisadores têm acesso a ela. Mas, com a mudança de *status* da área, a visitação turística será frequente e poderá causar danos irreparáveis à biodiversidade local. Como argumento, os autores do projeto de lei defendem que o turismo beneficiará a economia e poderá se tornar a principal atividade econômica da região e ainda aposta no incentivo à fiscalização.

Um argumento dos que defendem a mudança de *status* de conservação da reserva diz respeito à fiscalização. Segundo o deputado Amin, a área que deveria ser preservada sofre com a pesca ilegal. A proximidade da costa – pouco mais de 10 km – e o fato de ser considerada ‘inviolável’ atrairiam curiosos. Para o deputado, a transformação em parque seria então uma forma de democratizar o espaço. [...] Segundo Amin, as operadoras de mergulho, que dependem da preservação da beleza do local, seriam aliadas contra a pesca ilegal. Turistas, ao conhecer e entender a importância do lugar, também agiriam como fiscais. (SCHRAMM, 2014: 35)

Do outro lado da discussão, os ambientalistas alertam que a atividade humana intensa pode gerar a diminuição e até o desaparecimento de animais e plantas das águas da Ilha do Arvoredo. Segundo a jornalista, um estudo ainda não publicado comprova a tese de biólogos e pesquisadores contra a alteração da classificação da área como reserva de que a quantidade de peixes é maior onde a visitação não é permitida.

Pesquisas feitas em outros locais revelam os impactos da ação humana em áreas protegidas. Estudo (ainda não publicado) que compara a biomassa de peixes da Reserva Biológica do Atol das Rocas e do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha mostra que a biomassa é maior na reserva biológica. Está comprovado, segundo Horta, que a presença de mergulhadores e barcos e a poluição causada pela queima de combustíveis fósseis prejudicam seriamente os ecossistemas aquáticos. (SCHRAMM, 2014: 36)



Apesar de esmiuçar toda a discussão, a jornalista destina um espaço significativo do texto para exaltar a rica biodiversidade marinha da reserva. Possivelmente na tentativa de mostrar que, mais do que a explorar economicamente a Ilha do Arvoredo, devemos nos preocupar em preservar as variadas espécies de plantas e bichos que vivem e se refugiam no lugar.

Com área de cerca de 17 mil hectares, a reserva [...] é a única da categoria com remanescentes de mata atlântica no Brasil e mais de 370 hectares de floresta preservada. Nas ilhas há também sítios arqueológicos, como sambaquis (montes formados pelo depósito de conchas) e inscrições rupestres. Do total da reserva, 98% são áreas marinhas. Tartarugas, estrelas-do-mar, cavalos-marinhos e caranguejos são alguns dos animais que vivem nas águas azuladas do local, o que lhe valeu a denominação ‘Pequena Amazônia azul’. Até agora foram catalogadas ali cerca de 1.400 espécies de animais marinhos e terrestres – 26 das quais sofrem algum tipo de ameaça. (SCHRAMM, 2014: 34)

Claramente ao lado dos ambientalistas, a jornalista estrutura o texto com informações e fotografias que apelam para a riqueza da vida marinha na Ilha do Arvoredo. No sentido de contrapor os argumentos dos apoiadores da transformação da reserva em parque nacional, ela mostra que a mudança não só comprometeria a biodiversidade marinha, como exigiria altos investimentos financeiros do poder público, numa estratégia de responder qualquer questionamento econômico do leitor.

A edição publicou, ainda, duas notícias sobre novidades em estudos feitos na Amazônia. Na seção “Em Dia”, não assinada, as “Conversa de tartaruga” e “Exuberância em números” informam, respectivamente, o resultado de pesquisas feitas sobre a comunicação sonora entre as tartarugas-da-amazônia e a descoberta recente de novas espécies de animais e vegetais na floresta.

O primeiro texto mostra como curiosidade que os sons emitidos pelas tartarugas, até então considerados sem significado, são comprovadamente uma maneira de comunicação entre os animais em vários momentos da vida, como na sincronia dos filhotes para a eclosão dos ovos. A conversa por mensagens vocais é sempre muito associada ao ser humano e causa certa surpresa ao ser identificada em outras espécies, como demonstra a abertura da notícia.

Seres humanos se comunicam o tempo todo e das mais diversas maneiras. Mas a comunicação entre animais só recentemente vem sendo reconhecida e estudada, e a lista dos ‘conversadores’ vem aumentando a cada ano. Agora, estudo do Instituto de Pesquisas na Amazônia (Inpa) revelou que as tartarugas se comunicam e que a troca de mensagens vocais é mais avançada do que se poderia imaginar. (CONVERSA..., 2014: 41)

Breve e objetivo, o segundo texto relata o registro de 441 novas espécies da Floresta Amazônica entre 2010 e 2013. Além de numerosos, os dados ainda são irreverentes e incluem animais de cores chamativas e comportamento inusitado, como é o caso da piranha vegetariana. Apesar de animadora, a nota encerra com a notificação de que o governo anunciou, em 2013, que o desmatamento cresceu quase 30% na região. É importante lembrar que, apesar de rica, a floresta ainda continua ameaçada.

## 5.2 *Galileu*

Criada em 1991 com o nome de *Globo Ciência*, a revista *Galileu* é a publicação sobre ciência e tecnologia da Editora Globo, uma das empresas do grupo Globo, pertencente à família Marinho. A revista tem como objetivo antecipar as novidades relacionadas à tecnologia, inovação, cultura, saúde, história e comportamento. Sua tiragem é de pouco mais de 114 mil exemplares por mês, com 82 páginas em cada edição e circulação nacional.

A *Galileu* seleciona e traduz reportagens e estudos internacionais, além de acompanhar as tendências de consumo e iniciativas que transformam o mundo. A missão de sua editora é “produzir e disseminar um jornalismo independente que antecipe as transformações da sociedade e conecte cada indivíduo com a sua época”<sup>21</sup>.

### 5.2.1 Edição 271 (fev/2014): Não jogue fora. Conserte

A primeira edição do ano da *Galileu* veio com uma matéria de capa sobre comportamento, consumo e meio ambiente: “O mundo tem conserto: pare de consumir tanto, de produzir tanto lixo eletrônico e de gastar tanto dinheiro”, de Rafael Tonon, repórter colaborador da revista. O texto é uma grande reportagem sobre os ativistas *geeks* que combatem a obsolescência programada dos aparelhos eletrônicos trocando peças e conhecimento com outros técnicos em tecnologia e também com leigos.

Nas primeiras páginas da matéria, Tonon conta como surgiram os coletivos de consertadores originais dos Estados Unidos e hoje espalhados por mais de 30 países do mundo, incluindo o Brasil. O objetivo dos grupos é prestar serviços e cursos de conserto de eletrônico gratuitamente, incentivando as pessoas a resistirem à lógica consumista do mercado tecnológico e a preservarem o meio ambiente ao reduzir a quantidade de lixo.

---

<sup>21</sup> Informação retirada do site da Editora Globo. Disponível em: <<http://corp.editoraglobo.globo.com/visao-missao-e-valores>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

Os consertadores (*fixers*, em inglês) pregam que o melhor para o planeta não é reciclar lixo, e sim não produzi-lo. [...] A estratégia dos *fixers* para combater essa lógica passa por rejeitar a resposta pronta de assistências técnicas autorizadas de que “vale mais a pena comprar um novo”. Só é possível esse questionamento porque o movimento começa a se apropriar do conhecimento técnico e disseminá-lo, divulgando como é possível fazer pequenos reparos e deixar de descartar um produto ainda próprio para uso. (TONON, 2014: 42)

Mais do que a economia nos gastos com aparelhos novos, a mensagem dos ativistas consertadores é que não só devemos como podemos colaborar com nossas próprias mãos, literalmente, para um mundo mais sustentável. Noções básicas de eletrônica aliadas à disposição permite aos interessados não só consertar, mas explorar e melhorar seus equipamentos de forma independente. É vantagem para o proprietário e para o planeta, que sofre as consequências da “pilha de lixo eletrônico de quase 40 milhões de toneladas por ano, segundo a ONU” (TONON, 2014: 42).

Na segunda metade da matéria, Rafael Tonon relata os reflexos no meio ambiente da estratégia de obsolescência programada utilizada pelas companhias, como a Apple. Com o objetivo de vender mais, as marcas desenham seus aparelhos para durarem pouco tempo e serem impossíveis de consertar fora das assistências técnicas. Chegam ao extremo de colar as peças internas umas nas outras. O resultado é uma cultura do descarte e a utilização de países pobres como lixões para esse “desapego”.

“Na Europa, a nossa relação com o lixo é muito diferente. Em países desenvolvidos, as coisas vão para o lixo indiscriminadamente”, diz ela [Janet Gunter, cofundadora do The Restart Project, coletivo de consertadores em Londres] [...]. Apesar disso, os países subdesenvolvidos são os que mais sofrem com o lixo eletrônico, já que servem como depósitos para grande parte do que os países desenvolvidos, como Dinamarca, Alemanha e Estados Unidos, descartam. Em cidades como Accra, a capital de Gana, Délhi, na Índia, e Guiyu, na China, crianças empilham celulares quebrados, placas de computadores e carcaças de eletroeletrônicos para queimá-los e conseguir extrair metais que vendidos depois. [...] Esse lixo eletrônico contém materiais tóxicos, como chumbo. (TONON, 2014: 49)

O texto ainda aponta a defasagem da reciclagem no mundo. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em 2010, foram para o lixo 2,4 milhões de toneladas de componentes eletrônicos no mundo, dos quais somente 27% foram reciclados. Números que chocam e decepcionam o leitor, mas também o lembram de que ele é um dos responsáveis por essa realidade e pela futura transformação dela.

Algumas páginas depois, a reportagem “Efeito Multiplicador: cooperativa espanhola distribui energia limpa para todo o país com a ajuda de 10 mil sócios”, da seção “Urbanidade”, divulga um projeto que produz energia sustentável num país que tradicionalmente utiliza combustíveis fósseis para movimentar suas indústrias. O autor do texto é o repórter Vinícius Cherobino, que explica, sinteticamente, a história, a formação e os efeitos da estrutura, chamada de Som Energia.

No final de 2011, um grupo de professores e estudantes da Universidade de Girona, na Catalunha, se reuniu para discutir maneiras de se obter energia limpa. Na Espanha, 44% da eletricidade é produzida pro meios não-renováveis (20% de combustíveis fósseis e 22% de term nucleares). No mercado tradicional não havia alternativa sustentável. O grupo, então, decidiu colocar a mão na massa. Nascia e Som Energia. (CHEROBINO, 2014: 17)

Combinando usinas solares, termelétricas e turbinas eólicas, a cooperativa já tem grande alcance. “Hoje, são 10.737 sócios, € 3,5 milhões de investimentos, com a produção de 881 MW/hora em 2013 [...]” (CHEROBINO, 2014: 17). O jornalista valoriza a iniciativa inovadora e sustentável e conclui o texto informando que, apesar de não poderem garantir que a energia recebida por seus clientes é 100% verde, os responsáveis pelo projeto já trabalham para aprimorá-lo e expandi-lo.

Finalmente, a edição apresenta uma reportagem específica sobre ecologia com o título “Recifes Artificiais: projeto no Bahrein tenta recuperar corais usando peças feitas em impressoras 3D”, com autoria também de Vinícius Cherobino. O assunto é o grave problema ambiental de desaparecimento de recifes corais devido a alterações nas condições de vida no fundo do mar.

Uma em cada quatro espécies marinhas vive nos recifes de corais. Esses sistemas sofrem no mundo inteiro com o aumento da temperatura e da acidificação dos oceanos, a poluição e a pesca predatória. Mas em poucos lugares a situação está tão ruim quanto no Bahrein. O país do Golfo Pérsico, próximo da Arábia Saudita e na rota dos petroleiros, viu uma redução de 90% nos seus corais, de acordo com o levantamento da Universidade de Nova York, de 2012. (CHEROBINO, 2014: 21)

E a tecnologia pode ser a principal aliada para reconstituir essas estruturas marinhas. Uma empresa árabe, em parceria com uma organização australiana imprime moldes de recifes em três dimensões, feitos com arenito. Segundo Cherobino, o resultado é mais preciso e bem menos danoso para o meio ambiente do que os tradicionais corais artificiais esculpido em concreto. A impressão não é tão prática e barata, já que só pode ser feita em máquinas muito grandes, mas já se mostra como uma solução eficiente.

### **5.2.2 Edição 272 (mar/2014): Aprenda do seu jeito**

A segunda edição de 2014 da *Galileu* reuniu, em maioria, reportagens sobre inovações tecnológicas na área industrial, o uso de tecnologia na aprendizagem e comportamento. Sobre meio ambiente, apenas o curto texto “Vá pra rua: tecnologias coletam opiniões de moradores sobre as condições das ruas e calçadas para ajudar gestores”, do jornalista colaborador Ricardo Ampudia, aborda a interação entre cidadãos e administradores das cidades em prol de melhorias para a vida nos locais.

A ideia consiste num aplicativo de celular, que permite aos moradores de uma região tirar fotos de problemas de urbanização, como a falta de rampas de acesso ou de árvores, fazer comentários e registrar suas sugestões pelo programa. Posteriormente, essas informações são disponibilizadas para os administradores da cidade. O nome do aplicativo é *Key to the Streets* e ele ainda está em fase de produção de protótipos.

O cidadão fotografa um espaço que possa ser melhor adaptado para pedestres. Essa imagem é geolocalizada e vai para o servidor. A partir daí, podem-se acrescentar comentários em texto e voz, rabiscar, incluir ícones de árvores, canteiros, ciclovias e até desenhar à mão livre. As informações ficam à disposição das prefeituras. Quando ações forem pensadas para uma região, as sugestões podem ser baixadas e analisadas. (AMPUDIA, 2014: 27)

O projeto pode significar não só a facilitação de melhorias nas cidades, como incentivar as pessoas a serem mais conscientes sobre as defasagens da urbanização dos lugares onde moram. Em tempos de comunicação rápida, a participação da população nessa fiscalização pode ser uma grande aliada da natureza e da ligação que temos com ela. Os problemas urbanos relacionados ao meio ambiente, entre fatores estruturais e ambientais, poderão ser resolvidos a partir do olhar de quem convive com eles.

### **5.2.3 Edição 273 (abr/2014): Copie seu cérebro e viva para sempre**

Em abril, a revista *Galileu* publicou a matéria “Torneira aberta: Brasil é um dos líderes mundiais em exportação de água virtual junto com alimentos”, de Vinícius Cherobino, sobre uma das questões ambientais mais sérias e pouco conhecidas: o gasto gigantesco de água na produção de alimentos. É esse o conceito de água virtual, usado desde 2002 (CHEROBINO, 2014). A maior parte dos consumidores não sabe que o alimento comprado, aparentemente simples, exigiu litros de água em sua produção.

Se você come um hambúrguer, consome também a água usada para produzi-lo – e não é pouca. Um simples x-salada exige 2,5 mil litros, usados para criar o boi e produzir o queijo, cultivar tomates e alface, além do trigo (que

virou farinha e, depois, pão). Esta água embutida na produção é chamada de virtual. (CHEROBINO, 2014: 11)

A partir dos dados estrondosos sobre a água virtual - só com o açúcar, a soja, a carne e o café produzidos em 2013 foram gastos 112 trilhões de litros, segundo o jornalista - o texto chama a atenção para a previsão de escassez de água em várias partes do mundo em poucos anos. Também relembra que, apesar de termos 19% das reservas do planeta, a água potável também é um recurso finito no Brasil. Desde já precisamos nos preocupar em fazer a nossa parte para preservar esse recurso vital com atitudes que vão desde o uso racional da água dentro de casa até o consumo consciente de alimentos.

A ONU prevê que até 2025 dois terços da população mundial enfrentarão escassez do recurso. Para contornar a geografia, a China, com 1 bilhão de habitantes e apenas 2% da água do mundo, e países do Oriente Médio já compraram pelos menos 230 milhões de hectares de terras em países pobres, em especial na África e na América Latina, um movimento no qual especialistas veem tentativas de controlar a água, seja dos rios ou subterrânea, no lençol freático. O Brasil tenta se prevenir. Em 2010, o governo federal adotou limites à compra de terras por estrangeiros. (CHEROBINO, 2014: 11)

Numa das matérias da seção “Para seu conhecimento”, o foco são os oceanos profundos. Com o título “No mar profundo: a 3,5 mil metros, robô francês explora a vida no leito do Atlântico”, a repórter Amanda Kamanchek comenta as características peculiares das regiões mais obscuras, literalmente, dos oceanos. Abaixo dos mil metros de profundidade estão 79% da biosfera marinha, ainda pouco conhecida pela ciência. E é esse o destino de uma importante experiência internacional.

São 3,5 mil metros de profundidade, sem luz, nem oxigênio e com minivulcões que expelem substâncias pesadas. Além de tudo, embaixo d’água. Difícil um ambiente mais inóspito. No entanto, o mar profundo é o lar de algumas espécies marinhas e palco da pesquisa da expedição francesa Bicose, que ancorou em fevereiro entre as Ilhas Canárias e Guadalupe, no Oceano Atlântico. (KAMANHECK, 2014: 14)

A repórter descreve como a pesquisa funciona, ressalta sua importância e exalta a riqueza de vida existente em tamanha escuridão. Segundo ela, conhecemos a superfície da lua com mais detalhes do que sabemos sobre o mar profundo. No foco da expedição está a diversidade biológica e geológica, os recursos minerais e, principalmente, os minivulcões do local.

Mas a missão gira em torno mesmo das fumarolas negras, fontes hidrotermais surgidas na junção de grandes placas oceânicas. A água expelida foi

superaquecida pelo calor irradiado do centro da Terra e sua temperatura chega a 440°C. Também é rica em minerais e sulfetos, que chegam a formar enormes colunas negras de mais de 20 metros de altura ao entrar em contato com a água fria. (KAMANCHEK, 2014: 15)

São as novidades tecnológicas e as informações com estilo de curiosidades que mostram, no texto, como o homem desconhece inúmeros aspectos, lugares e nuances da natureza. E, provavelmente, nunca o fará por completo. A reportagem e o projeto Bicose colocam o leitor e os próprios pesquisadores como meros – mas atentos – observadores dos fenômenos naturais.

Na mesma edição, figura a versão em português da reportagem feita por Fred Pearce para a revista *New Scientist*: “Salvador da pátria. Ou não” sobre a queima de carvão mineral para gerar energia. Apesar da vasta matéria-prima e do grande potencial da técnica, chamada de “gaseificação subterrânea de carvão (UCG, na sigla em inglês)” (PEARCE, 2014: 55), os riscos para o meio ambiente são assustadores.

Para explorar reservas que até então não eram alcançadas por técnicas tradicionais, os mineradores querem incendiar jazidas profundas e capturar os gases resultados do processo para serem usados na geração de energia e para fins industriais. Os defensores da UCG dizem que ela garantirá a segurança energética do mundo por várias gerações. Já os críticos argumentam que se trata de uma nova maneira de fritar o planeta. (PEARCE, 2014: 55)

Em detalhes, o jornalista explica que a técnica é o aprimoramento de um sistema que vem sendo usado pelo Uzbequistão há 50 anos. Se colocada em prática massivamente, ela terá a capacidade de gerar energia para abastecer todo o planeta por mil anos e ainda dar uma finalidade ao carvão e ao xisto subterrâneo incrustado em rochas. A estrutura do projeto planeja fazer a gaseificação embaixo da terra, sem tirar o carvão do lugar, e capturar os gases produzidos na combustão para gerar energia.

A gaseificação subterrânea do carvão (UCG na sigla em inglês) produz energia usando as reservas que não podem ser extraídas com a mineração convencional. Entenda como o processo funciona: 1) Grandes quantidades de ar ou oxigênio são bombeadas para o subsolo; 2) A queima de carvão libera hidrogênio, metano e dióxido de carbono; 3) O CO<sub>2</sub> pode ser injetado no buraco deixado pela queima do carvão. Já o metano e o hidrogênio são queimados para produzir eletricidade ou são usados como matéria-prima para produzir diesel sintético.

O problema? Alguns gases liberados na queima da matéria-prima da UCG – metano e dióxido de carbono – são altamente poluentes. Apesar de ter a capacidade de aproveitar quase 100% do carvão subterrânea, do qual apenas 15% a 20% são

explorados pelas minerações convencionais (PEARCE: 2014), a técnica encontra resistência de órgãos reguladores e investidores justamente por envolver um dos combustíveis fósseis mais poluentes do mundo.

No texto, a cada argumento apresentado em favor da técnica, o jornalista mostra a opinião de especialistas em impacto ambiental. E a previsão é sempre de riscos altos de contaminação de aquíferos e da atmosfera. Por mais que a estrutura tenha a capacidade de armazenar o dióxido de carbono dentro dos próprios túneis onde o carvão foi queimado, as experiências feitas até hoje para captura e armazenamento da substância falharam.

Os entusiastas da UCG podem amar a ideia de queimar todo esse carvão, mas as consequências para o clima são aterrorizantes. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) determinou recentemente que é preciso limitar as emissões totais de carbono para menos de meio trilhão de toneladas para manter o aquecimento global abaixo de 2°C. Não é uma tarefa fácil. Para os analistas, queimar uma grande porcentagem de nossas reservas de combustível fóssil convencionais seria o suficiente para produzir níveis inaceitáveis de aquecimento. O que fazer diante desse dilema? Há duas opções: deixar o minério enterrado no solo ou desenvolver uma indústria para capturar o CO<sub>2</sub> e armazená-lo onde não causará danos. No caso da UCG, isso significa capturar o dióxido de carbono produzido quando o carvão é incendiado no subterrâneo e quando o metano resultado do processo é queimado nas usinas de energias. Para climatologistas, a captura e o armazenamento de gás carbônico (CCS, na sigla em inglês) é a única opção viável para o futuro. (PEARCE, 2014: 58)

O repórter é cauteloso ao abordar a capacidade do sistema, devido a suas defasagens. Experiências feitas nos Estados Unidos e na Austrália foram suspensas por terem contaminado poços e lençóis freáticos com benzeno, líquido inflamável que resulta da queima incompleta de materiais ricos em carbono. O jornalista prefere, então, finalizar o texto com dados sobre as necessidades de aperfeiçoamento e as expectativas duvidosas da UCG em relação ao meio ambiente.

### **5.3 *Superinteressante***

A revista *Superinteressante* é a publicação sobre ciência e tecnologia da Editora Abril. Fundada em 1987, ela aborda as novidades e curiosidades sobre comportamento, história, inovação e cultura pop. Desde sua criação, já foram mais de 300 edições publicadas, além de números especiais.

A circulação do impresso é nacional e a tiragem ultrapassa 370 mil exemplares por mês. Sua missão é escapar do óbvio em cada reportagem.



### 5.3.1 Edição 329 (fev/2014): 1499: O Brasil antes de Cabral

A revista Superinteressante traz como capa de sua edição de fevereiro de 2014 uma grande reportagem sobre o Brasil antes da chegada dos colonizadores portugueses: “1499: O Brasil antes de Cabral”. A partir das explicações de pesquisadores, o jornalista Emiliano Urbim relata o alto nível de organização dos povos indígenas que habitavam em grande número o território brasileiro. Os hábitos bem mais evoluídos e agressivos do que a visão romantizada eurocêntrica normalmente expõe surpreendem o leitor.

No século 16 espalhou-se em Portugal a ideia de que a língua dos índios brasileiros carecia de três letras: F, L e R – logo, não tinha como ter nem Fé, nem Lei e nem Rei. A teoria era meio surda – os índios possuíam os três sons – e totalmente míope: as instituições só existiam se nomeadas em português? Mas resumo bem o que os portugueses pensavam dos índios: almas a serem catequizadas, doutrinadas e governadas. Enxergando sempre por esse prisma, os europeus não quiseram ou não puderam ver certas nuances sobre seus novos súditos. Nuances reveladas por novas pesquisas arqueológicas, e que ajudam a entender como as tribos do litoral viveram seus últimos dias de índios (URBIM, 2014: 49)

O autor critica e ironiza a ignorância dos portugueses em relação à riqueza e aos conhecimentos das culturas ameríndias. Visão essa que, inclusive, predomina até hoje em nossos livros de história. Na reportagem, são citadas as descobertas antropológicas recentes sobre grandes aldeias que existiram às margens de rios amazônicos, erguidas sobre eficientes estruturas antiinche, além de técnicas agrícolas, escambo e guerras entre tribos comuns aos moradores do Brasil não descoberto.

Tudo isso para ir de encontro à idealização dos indígenas como povos ingênuos, pouco organizados e não envolvidos com a produção de alimentos e bens. Entre as informações que mais chamam a atenção estão os estudos que alegam que grande parte da Floresta Amazônica é resultado da ação de índios. Ideias não completamente comprovadas, mas que reforçam esses povos como grandes conhecedores da natureza (URBIN, 2014). Dela, eram tiradas matérias-primas para as mais variadas atividades.

Muita ciência passou despercebida. Só agora podemos dizer com certeza que os índios domesticavam plantas, enriqueciam o solo com adubo, realizavam pesca por envenenamento com elevado grau de eficácia. Tendo profundo conhecimento das plantas que os rodeavam, tinham remédios eficazes para quase todos os males – cujas propriedades ainda estão sendo descobertas em laboratórios. Sem falar em uma das maiores invenções de todos os tempos: a rede de dormir. (URBIM, 2014: 49)

Como brinca um dos subtítulos da matéria, “Nem demônios, nem anjos”, os indígenas dos tempos de Cabral não eram inofensivos como tradicionalmente se prega, assim como não eram “selvagens” como pensavam os portugueses. Os olhos fechados

para a rica e diversificada cultura acabou por culminar no trágico – e já bem conhecido – extermínio de milhares de povos ameríndios que abalou para sempre a cultura e a forma de vida de seus descendentes.

Até que a rede e o mundo caíram. Como disse em uma entrevista recente à revista Piauí o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, “o mundo deles acabou em 1500. Se formos falar de fim do mundo, pergunte aos índios como é, porque eles sabem. Eles viveram isso. A América acabou”. Enquanto os portugueses escreviam a certidão de nascimento da nova terra, os timbiras faziam o atestado de óbito para o seu mundo. (URBIM, 2014: 49)

A mesma publicação apresenta um ousado projeto japonês que visa produzir energia fora do nosso planeta, na matéria “Uma usina no espaço: empresa japonesa quer instalar painéis solares na Lua para captar uma quantidade enorme de energia - e mandá-la para a Terra usando raios *laser*”, de Marcos Ricardo dos Santos. O texto relembra o caminho desastroso que temos seguindo na geração de energia a partir de combustíveis fósseis e a busca incessante da ciência por alternativas mais sustentáveis.

Apesar do nobre objetivo, a usina é ainda bastante cara e sua estratégia de conexão com a Terra também deixa a desejar. Depois de descrever o projeto, o jornalista abre espaço para a opinião de um especialista brasileiro em energia alternativa e aponta que o mesmo sistema poderia ser implantado na própria Terra, por um custo bem menor.

A empresa não estimou o custo do projeto, que é visto com ceticismo pelos especialistas. “Pode até ser viável, mas a relação custo-benefício é duvidosa”, diz Ruberval Baldini, presidente da Associação Brasileira de Energia Alternativas e Meio Ambiente. “Com custos menores, poderiam produzir a mesma quantidade de energia solar aqui na Terra, instalando painéis no sertão do Nordeste.” Outro problema seria costurar acordos políticos com todos os países, pois ninguém é dono da Lua. “Ela é propriedade do mundo. Por isso, o Luna Ring também deve ser um projeto coletivo, não só nosso”, admite Kenji Takagi, porta-voz da empresa. (SANTOS, 2014: 21)

Não fica claro na reportagem o impacto que a usina poderia causar à superfície ou atmosfera lunar, mas é evidente que a técnica seria mais prática e rapidamente aproveitada por aqui mesmo. Ainda podemos utilizar características naturais, como o extenso território quente e pouco habitado do sertão brasileiro, a nosso favor e sem comprometer o meio ambiente.

Já o texto não assinado “Como a privada mudou o mundo”, da seção “Supernovas” é, na verdade, uma nota sobre a criação do vaso sanitário que conhecemos hoje. Apesar de parecer simples, a privada só foi inventada em 1885,

depois de séculos de civilizações que não conseguiam dar um destino eficaz a seus excrementos e acabavam contaminando solos e água.

Quando a humanidade fez sua primeira invenção, a agricultura, passou a ser possível viver a vida toda num lugar só. Mas isso também criou um problemão: o que fazer com o xixi e o cocô que se acumulam? Gregos e romanos inventaram mecanismos primitivos para se livrar dessas coisas indesejáveis, que são citadas até na Bíblia (“você deve cobrir seus excrementos”). Mas a luta só seria vencida em 1885, quando o inglês Thomas Twyford criou a privada como a conhecemos hoje. (COMO..., 2014: 22).

Contudo, o saneamento básico ainda é um problema ambiental sério, como lembra o texto. Bilhões de pessoas no mundo ainda não possuem um vaso sanitário ou qualquer forma digna de descartar seus dejetos. Além disso, apesar de o sistema sanitário ter significado aumento da qualidade e da expectativa de vida das pessoas, ele também é responsável por boa parte do desperdício de água potável que lutamos para combater atualmente.

Foi uma revolução, que somada às estações de tratamento de água reduziu em 40% as infecções, elevando em 20 anos a expectativa de vida no mundo. Mas 2,5 bilhões de pessoas no mundo ainda não têm privada. E as que têm estão detonando as reservas de água do planeta: dos 163 litros que cada brasileiro consome por dia, 38% vão pela descarga. (COMO..., 2014: 22)

Como possível solução, a nota encerra a história do vaso sanitário afirmando que o alto gasto de água nas descargas atraiu as atenções e os investimentos do famoso Bill Gates, que “transformou a privada num foco de inovação tecnológica” (COMO..., 2014: 22) e patrocina pesquisadores dedicados à criação de privadas ecologicamente corretas.

Com um título peculiar, a última reportagem sobre meio ambiente da edição aborda os direitos dos animais. “Os macacos vão à Justiça”, de Anna Carolina Rodrigues, conta como uma Organização Não Governamental (ONG) norte-americana está utilizando o recurso de equiparar os direitos humanos às condições de vida de quatro chipanzés mantidos em cativeiro.

Tommy, Kiko, Hercules e Leo foram à Justiça dos EUA com um pedido de *habeas corpus*. Seria apenas mais um caso de rotina, a não ser por um fato: eles são chipanzés. Os quatro estão sendo representados pela ONG americana *Nonhuman Rights Project* (projeto pelos direitos não humanos), que entrou com processos em nome dos macacos. Os bichos vivem em situações precárias – Tommy e Kiko são mantidos presos como animais de estimação, e Hercules e Leo são cobaias numa universidade. Segundo a ONG, isso é considerado suficiente para considerá-los vítimas de escravidão, que é crime. (RODRIGUES, 2014: 18)

Mas o que chama ainda mais atenção é o argumento dos membros da ONG, que defendem que os bichos devem ser tratados da mesma maneira que seres humanos. Junto ao processo, eles anexaram pesquisas científicas que comprovam a igualdade entre a capacidade mental dos maçados e a de uma criança humana. Um dos trechos da defesa aponta: “Pedimos à corte que reconheça que Tommy não é um objeto, mas uma pessoa, com direito legal de não ser aprisionado”, diz um dos processos [...]” (RODRIGUES, 2014: 18).

A iniciativa dos ativistas representa um pensamento de igualdade entre homens e outros animais. Na defesa pelo meio ambiente, o grupo recorda que somos descendentes desses primatas, dignos de liberdade e qualidade de vida tanto quanto nós.

### **5.3.2 Edição 330 (mar/2014): Os EUA e o golpe de 64**

No número de março da *Superinteressante*, Salvador Nogueira fala de um tema ambiental já bastante debatido, mas que atingiu na pele a população de todo o planeta no início deste ano: o “Clima Extremo”. Durante meses, países no Norte e do Sul do mundo sofreram com as temperaturas radicais: americanos e canadenses enfrentaram um dos invernos mais frios da história e, no Brasil, os termômetros foram às alturas por vários dias seguidos.

O calor nas regiões Sul e Sudeste no começo do ano parece no começo do ano parece um evento singular. Mas uma breve retrospectiva da história do planeta nos últimos anos mostra que esses episódios estão se tornando cada vez mais comuns. Pode apontar sem medo de errar: haverá outras ondas de calor tão fortes ou mais que essa ao longo das próximas décadas. Esses são os chamados eventos extremos. Nisso se enquadram a ampliação do número de furacões por temporada, as secas na Amazônia, as ondas de calor e os alagamentos, entre outros. (NOGUEIRA, 2014: 74)

Mas nem todas essas previsões desanimadoras estão comprovadamente ligadas ao aquecimento global. A reportagem esclarece que esses fenômenos climáticos também possuem fatores determinantes que cabem somente à natureza e que não podemos prever. Obviamente, as mudanças climáticas não podem ser deixadas de lado no caso de algumas amenizações causadas pelo próprio meio ambiente.

É possível atrelar cada um desses episódios, individualmente e sem sombra de dúvida, à mudança climática? Não. Fenômenos atmosféricos e de correntes marinhas têm componentes aleatórios e imprevisíveis. Por isso é possível ter flutuações de temperatura ano a ano que podem disfarçar a tendência do aquecimento. (NOGUEIRA, 2014: 76)

O repórter conclui o texto afirmando que muitos astrônomos têm chegado ao consenso de que o sol está entrando num período de resfriamento. Apesar de essa possível queda de calor da estrela ser capaz de equilibrar a subida da temperatura média do nosso planeta, o jornalista lembra: “Mas gases de CO<sub>2</sub> permanecem pelo menos cem anos na atmosfera assim que os soltamos nela. Então, não há tempo a perder” (NOGUEIRA, 2014: 79).

A revista ainda explica “Como a geladeira mudou o mundo”, num texto de Melissa Schroder, na seção “Supernovas”, que conta, rapidamente, como aconteceu a “popularização” do eletrodoméstico e os efeitos que ele causa ao meio ambiente. “Antes dela, gelo era coisa de rico – pois a única maneira de obtê-lo era ir buscar em lagos congelados. Mas, em 1850, o médico caribenho John Gorrie criou a geladeira e democratizou o frio”. (SCHRODER, 2014: 25)

A descoberta de que o gás utilizado nos aparelhos como combustível aumentava o buraco na camada de ozônio se tornou um problema na década de 1980, que foi corrigido pela troca do gás por outro não poluente. Porém, restava ainda outra questão: o alto consumo de energia elétrica pelo eletrodoméstico. Tal questão já mobilizou importantes cientistas ao longo da história, mas permanece até hoje como um dos desafios da nossa civilização em combinar consumo e conforto à conservação ambiental.

[...] mas as geladeiras continuam custando caro ao planeta: a energia consumida por cada uma causa o lançamento de 20 quilos de CO<sub>2</sub> na atmosfera por ano (equivalente a rodar 280 km de carro). É um problema antigo. Tanto que na década de 1930, ninguém menos que Albert Einstein criou uma geladeira ultraeconômica, que usava muito menos energia. Só tinha um porém: não gelava bem. (SCHRODER, 2014: 25)

A publicação também divulga um ensaio de fotos produzido pelo fotógrafo alemão Bernhard Lang sobre globalização e o impacto do homem sobre a paisagem. O pequeno texto é de Cristine Kist e se chama “Globalização vista do céu”. As imagens são impressionantes e retratam áreas portuárias vistas de cima em toda a sua imensidão e repetição de formas geométricas (KIST, 2014).

De um ponto de vista literalmente diferente, Lang registra a grandiosidade do comércio entre países e o que isso representa em números de produtos e contêineres. Todos os dias, convivemos com as ações de nossa sociedade sem parar para pensar em sua real dimensão. O objetivo do fotógrafo é impactar o público justamente pelo que os milhares de formatos repetidos dos portos representam: consumo globalizado.

As paisagens são escolhidas com cuidado. Visto de cima, o Porto de Bremerhaven, no norte da Alemanha, parece basicamente um amontoado de figuras geométricas, e era essa mesmo a ideia: [...] O porto alemão exporta mais de 1 milhão de carros e 6 milhões de contêineres por ano. A intenção de Bernhard ao fotografar tudo isso de cima era mostrar a quantidade imensa de coisas que nós produzimos (e, conseqüentemente, consumimos): “Essas imagens falam sobre a globalização e o impacto das pessoas no planeta”. (KINT, 2014: 95)

### **5.3.3 Edição 331 (abr/2014): Medo: como vencer os seu**

Neste número, o jornalista Marcos Ricardo dos Santos investiga a história do documentário sobre Tilikum, a orca que cresceu aparecendo em apresentações aquáticas e ficou mundialmente conhecida por protagonizar episódios de afogamento de treinadores. Chamadas de baleias assassinas, as orcas foram alvo de capturadores durante décadas para atuarem em shows de entretenimento e o resultado foi uma série de espetáculos de horror.

Um dia, em 1991, uma treinadora de 20 anos de idade, Keltie Byrne, caiu na piscina onde estavam as três orcas do [parque aquático] *Sealand* – Nootka, Haida e Tilikum. Elas trataram a jovem como se fosse um brinquedo, jogando-a de um lado para outro e puxando-a para baixo d’água até que a treinadora morreu afogada. Foi o primeiro caso de morte em um parque a aquático. (SANTOS, 2014: 82)

O texto debate a questão dos direitos dos animais e apresenta dados de pesquisas que comprovam a associação entre o comportamento violento das baleias com as condições precárias a que são submetidas nos parques. No cativeiro, 100% das orcas apresentam a barbatana dorsal dobrada, um sinal claro de estresse, contra apenas 1% de casos entre as que vivem em liberdade. Além disso, a expectativa de vida também muda consideravelmente: na natureza, as orcas chegam a viver entre 60 e 80 anos, já em cativeiro elas sobrevivem por apenas 30 anos (SANTOS, 2014).

Segundo o autor, defensores da manutenção das baleias em cativeiro afirmam que a experiência permite a aproximação delas com a espécie humana e também facilita a realização de estudos. No entanto, biólogos e veterinários contestam essa avaliação. “‘Não é só o Tilikum, todas as baleias em cativeiro são psicologicamente traumatizadas’, diz no documentário o neurocientista Lori Marino, doutor em comportamento animal” (SANTOS, 2014: 84).

A reportagem abre espaço para o questionamento sobre a utilização de animais selvagens para fins de entretenimento, numa sobreposição cruel da espécie humana sobre as demais. Com que direito retiramos uma orca de seu habitat, as colocamos num

tanque e a transformamos numa atração? Por mais que a prática não seja mais permitida em países como o Brasil, Tilikum continua participando de shows aquáticos, sem que nenhum treinador se aproxime dele.

Já na matéria “A discórdia da maçã”, o assunto são os alimentos transgênicos. O repórter Maurício Moraes revela a solução encontrada por uma empresa canadense para prolongar a vida da maçã, depois de cortada. A ideia é neutralizar em laboratório o gene da fruta responsável por seu escurecimento. A técnica é questionada pelos produtores tradicionais de maçã dos Estados Unidos, apesar de ter como intenção diminuir o desperdício do alimento.

Mas o curioso da reportagem é a informação adicional divulgada no final do texto. Segundo estudo, o aquecimento global pode influenciar no sabor da maçã cultivada convencionalmente nos campos. Um lembrete ao público sobre as maneiras imprevisíveis como o aumento da temperatura no planeta, normalmente associada apenas a problemas “distantes” como o derretimento de calotas polares, pode atuar sobre os vários processos vitais do planeta.

Cientistas da Universidade de Fuji, no Japão, constaram que as maçãs estão menos gostosas do que nos anos 70 – porque têm menor teor de ácido málico, substância responsável pelo sabor. A suposta razão é o aquecimento global, que antecipa a floração e submete as frutas a temperaturas mais altas durante o amadurecimento. (MORAES, 2014: 26)

Cientistas e ambientalistas têm caminhado na mesma direção para evitar ou, pelo menos, controlar o aquecimento global. Mas talvez ainda falte à população leiga mundial ser capaz de reconhecer as consequências de seus atos sobre o meio ambiente e de admitir que, assim como qualquer outro ser vivo da Terra, ela também será impactada pelo desequilíbrio ambiental gravíssimo que nos ameaça.

## 6. Conclusão

Literatura e jornalismo fazem parte do universo da comunicação e, por sua vez, têm o potencial de estimular a reflexão do seu público. Quando o assunto é meio ambiente, informação, crítica e conscientização são premissas básicas para ambos os segmentos. Na ecopoesia, os escritores expõem suas opiniões de maneira livre e lírica, enquanto no jornalismo ambiental, as prioridades são as informações objetivas e precisas.

Do ponto de vista da ecocrítica, poemas e notícias ambientais convergem em diversos pontos, mas ainda se distanciam em aspectos importantes na missão de incentivar o público a estabelecer uma nova relação com o meio ambiente. A mudança para hábitos mais sustentáveis está entre as preocupações dos dois campos, contudo, a identificação do homem como parte da natureza ainda é sutil no jornalismo.

Nas obras de Astrid Cabral, Sérgio Medeiros e Josely Vianna Baptista, vemos que a natureza aparece em primeiro plano e os personagens humanos, quando presentes, apenas a observam ou se integram a ela. As memórias de infância de Astrid brincam com o contraste entre centro urbano e floresta. As inquietudes de menina remontam à fase mais ingênua e destemida da vida, em que exploramos um quintal ou jardim como se fosse o nosso universo e conhecemos sem receio os curiosos bichos e plantas.

Já os versos de Medeiros levam o leitor a refletir sobre a cultura dos povos ameríndios, primeiros habitantes do nosso país. A crença indígena de que somos oriundos das árvores norteia seus dois livros estudados neste trabalho. O sexo entre os vegetais direciona o olhar do ser humano para outros seres da natureza. Nos versos do escritor, somos observadores espantados ou extasiados com a grandeza e beleza da natureza.

Pelas ecopoesias de Josely, mergulhamos nas nuances do corpo humano, delicado e perfeito como todos os elementos da ambiente. A anatomia humana que se aproxima dos detalhes de flores, árvores e águas em texto e fotografias expressa nossa existência também como obra da natureza. Também com referências à cultura ameríndia, ela representa a comunhão de indígenas com as árvores, a terra e o rio em momentos marcantes de suas vidas.

As reportagens ambientais de *Ciência Hoje*, *Galileu* e *Superinteressante* ressaltam os avanços tecnológicos e científicos e a necessária mudança de hábitos da população para controlar os problemas ambientais.



Na CH, os textos longos e detalhados explicam como funcionam processos da vida selvagem que desconhecemos. Assim como alguns poemas analisados, certas matérias citam o homem simplesmente como observador da incrível biodiversidade do planeta, que enxerga pelos olhos de pesquisadores e cientistas. As reportagens de denúncia também existem, mas procuram sempre aproximar tanto os efeitos negativos, quanto as possibilidades de melhoria do cotidiano da população.

Os números da *Galileu* reúnem uma quantidade menos expressiva de matérias sobre meio ambiente. Os textos são construídos em torno da criação de projetos científicos que pretendem solucionar problemas ambientais. Na maior parte deles, falta mencionar a causa dos desequilíbrios que hoje nos desafiam e associar o leitor a um dos agentes fundamentais para o controle dessas alterações.

A *Superinteressante* traz textos jornalísticos com características de curiosidades sobre meio ambiente. Com destaque para a tecnologia, a revista explica o funcionamento de aparelhos simples, que transformaram o estilo de vida da nossa sociedade, e grandes projetos inovadores. Há espaço também para reportagens sobre o comportamento animal. O impresso reúne reportagens de estilos diferentes sobre os direitos dos animais, ora os aproximando de nós, ora demonstrando como os atos dominadores do homem podem causar consequências graves para os bichos.

Por fim, é notável que as ecopoesias analisadas neste trabalho, apesar do concretismo e do caráter *nonsense* de alguns exemplos, incentivam uma visão mais aproximativa e menos antropocêntrica da nossa sociedade sobre o meio ambiente. No jornalismo ambiental, muitos aspectos correspondem aos princípios da ecocrítica, mas o principal deles – o homem como parte da natureza em si – ainda é sutil.

Os recortes feitos neste estudo para avaliar as premissas da ecocrítica no jornalismo ambiental são representativos, mas restritos em comparação aos mais de 300 exemplares já publicados por cada revista aqui analisada. Os resultados aqui obtidos pretendem servir de base e contribuição para estudos futuros sobre diferentes obras ecopoéticas e veículos de mídia ambiental, possivelmente até inspirando a estipulação de uma vertente da ecocrítica destinada aos textos jornalísticos e suas peculiaridades.

## 7. Referências Bibliográficas

### Livros, artigos, dissertações, teses

BACCHETTA, V. L. Perfil del periodista ambiental. *Sala de Prensa*. v. 02 n. 42. abr. 2002. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art340.htm>>. Acesso em: 20 out. 2014.

BAPTISTA, Josely Vianna. *Corpografia*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1992. 96p.

\_\_\_\_\_. *Roça Barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 152p.

BARRY, Peter. *Beginning Theory: as introduction to literary and cultural theory*. 3ª edição. Manchester: Manchester University Press, 2009. 338p.

BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/11897/8391>>. Acesso em: 17 out. 2014.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática*. Disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/>>. Acesso em: 18 out. 2014

CABRAL, Astrid. *Jaula*. Rio de Janeiro: Editora da palavra, 2006. 78p.

\_\_\_\_\_. (1986) *Visgo da Terra*. Organização: Tenório Telles. 3ª edição. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Edua/UniNorte, 2005. 128p.

CIÊNCIA HOJE, Revista. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, v. 52, n. 311, jan/fev.2014.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, v. 53, n. 312, mar.2014.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, v. 54, n. 313, abr.2014.

CAPRA, F. “Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21”. In: TRIGUEIRO, André (coord.). *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 19-33.

COLOMBO, M. E. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010. Caxias do Sul. *Resumos...* p. 11. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br>> . Aceso em: 17 out. 2014.

Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento, *Nosso Futuro Comum*, 1987. Disponível em: < <http://www.onu.org.br/rio20/documentos/>>. Acesso em: 19 out. 2014.

CRESPO, S. “Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990”. In: TRIGUEIRO, André (coord.). *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. P. 59-73.

GALILEU, Revista. São Paulo: Editora Globo, n. 271, fev. 2014.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Globo, n. 272, mar.2014.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Globo, n. 273, abr.2014.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 292p.

GLOTFELTY, C.; FROMM, H. *The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology*. Georgia: University of Georgia Press, 1996. 415p.

LIMA, Eliana de Souza. *A importância da mídia na conscientização ambiental*. Disponível em: < <http://www.agricoma.com.br/>>. Acesso em: 17 out. 2014.

SILVA, Márcia Soares da. *Mídia e Meio Ambiente: uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM – ECO/UFRJ). Orientadora Priscila Kuperman, 2005. 170p.

SUPERINTERESSANTE, Revista. São Paulo: Editora Abril, n. 329, fev. 2014.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 330, mar. 2014.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 331, abr. 2014.

TRIGUEIRO, André (org.). *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 367p.

URBAN, Tereza. *Um novo olhar da mídia sobre o meio ambiente*. Disponível em: <<http://www.comscientia-nimad.ufpr.br/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

VILLAR, Roberto. *Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas*. Imprensa e Pantanal – Laboratório Ambiental de Jornalismo. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 29 a 31 de outubro de 1997. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>>. Acesso em 18: out. 2014.

VIOLA, E. J.; LEIS, H. R. *O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: O desafio de uma estratégia globalista viável*. Disponível em: <<http://argsustentavel.weebly.com/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

WANDELLI, Raquel. *Poesia do Poste: O totemismo além de Lévi-Strauss*. Universidade Federal da Santa Catarina: Secretaria de Cultura. Disponível em:

<<http://secult.ufsc.br/2012/06/21/cafe-phil-o-totemismo-alem-de-levi-strauss/>>.

Acesso em: 5 out. 2014.

## **Websites**

Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20

<http://www.rio20.gov.br/>

Ecopoesia

<http://ecopoesia.com>

Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia)

<http://www.rebia.org.br/>

Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA)

<http://jornalismoambiental.org.br>

Revista Ciência Hoje

<http://cienciahoje.uol.com.br/>

Revista Galileu

<http://galileu.globo.com/>

Revista Superinteressante

<http://super.abril.com.br/>

Editora Abril

<http://editora.globo.com/>

Editora Globo

<http://editora.globo.com/>